

XXXVIII
SEMINÁRIO DE COMPUTAÇÃO NA UNIVERSIDADE

Belém — Pará
15 a 17 de Julho de 2008

MEMÓRIA DE PRESIDENTES
(SBC 30 ANOS)

Promoção
SBC - Sociedade Brasileira de Computação

Organização
Universidade Federal do Pará

Edição
Roberto S. Bigonha
2008

Universidade Federal do Pará
Belém, Pará

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade (1.; 2008;
Belém,Pa)

Anais do XXXVIII Seminário de Computação na Universidade,
Belém, de 15 a 17 de julho de 2008. Editado por Roberto S. Bigonha
(UFMG). 2008.

73 p

Conhecido também como SECOMU 2008.

I. SECOMU. I. Bigonha, Roberto S. III. SECOMU (11. 2008 :
Belém) Sociedade Brasileira de Computação.

Esta obra foi produzida a partir de originais fornecidos pelos autores.

Prefácio

A Sociedade Brasileira de Computação completa neste ano de 2008 trinta anos de sua fundação, ocorrida no dia 27 de julho de 1978. Neste período, 10 presidentes, em um total de 15 mandatos, dedicaram parte substancial de seus preciosos tempo e conhecimento de professor e pesquisador para administrar e desenvolver a SBC, executando um trabalho voluntário da mais alta relevância para o desenvolvimento científico e tecnológico da Computação no Brasil. Graças ao trabalho destas abnegadas pessoas, a SBC conseguiu firmar-se em tão pouco tempo como uma das sociedades científicas brasileiras de maior prestígio no País. Para comemorar esta importante passagem, a Comissão Organizadora do XXXVIII Seminário de Computação na Universidade, o SECOMU 2008, evento integrante do XXVIII Congresso da SBC, decidiu convidar os ex-presidentes da Sociedade para que revelassem à Comunidade de Computação detalhes da história da SBC guardada em suas memórias, numa tentativa de resgatar um registro histórico ainda não-documentado de fatos de que estas pessoas que foram agentes ou testemunhas ligados a posições políticas assumidas, providências tomadas e ações executadas pela Sociedade ao longo destes trinta anos.

O encontro de ex-presidentes com a Comunidade foi organizado com a forma de um Painel do SECOMU 2008, denominado **MEMÓRIA DE PRESIDENTES**, do qual aceitaram participar o atual presidente da SBC, professor José Carlos Maldonado, e os ex-presidentes Cláudio Zammitti Mammana, Pedro Manoel da Silveira, Ricardo Reis, Silvio R. L. Meira, Flávio Rech Wagner e Cláudia Bauzer Medeiros. Professor Silvio Davi Parciornik, ex-vice-presidente, substituiu o saudoso professor Luiz de Castro Martins. Os professores Daniel Menascé e Clésio Saraiva dos Santos não puderam comparecer, mas gentilmente enviaram seus depoimentos sobre sua gestão frente à SBC. Para o registro permanente deste encontro, produziu-se este documento com importantes relatos de ex-presidentes.

Gostaríamos de agradecer em primeiro lugar nossos presidentes, que participaram desta comemoração, prestigiando toda a Comunidade. Agradecemos também à professora Carla Maria Dal Sasso Freitas e à equipe da Sede da SBC que contribuíram de forma muito eficiente para o sucesso do Secomu.

Roberto S. Bigonha

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

COMITÊ ORGANIZADOR

Roberto S. Bigonha (coordenador), UFMG
João Weyl, UFPa
José Carlos Maldonado, USP, São Carlos

SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO (SBC)

Presidente: José Carlos Maldonado (ICMC - USP)
Vice-Presidente: Virgílio Augusto Fernandes Almeida (UFMG)

Diretorias:

Administrativa: Carla Maria Dal Sasso Freitas (UFRGS)
Finanças: Paulo Cesar Masiero (ICMC - USP)
Eventos e Comissões Especiais: Marcelo Walter (UFPE)
Educação: Edson Norberto Cáceres (UFMS)
Publicações: Karin Breitman (PUC-Rio)
Planejamento e Programas Especiais: Augusto Sampaio (UFPE)
Secretarias Regionais: Aline Maria Santos Andrade (UFBA)
Divulgação e Marketing: Altigran Soares da Silva (UFAM)
Regulamentação da Profissão: Ricardo de Oliveira Anido (UNICAMP)
Eventos Especiais: Carlos Eduardo Ferreira (USP)
Cooperação com Sociedades Científicas: Taisy Silva Weber (UFRGS)

Conselho

Cláudia Maria Bauzer Medeiros (UNICAMP)
Roberto da Silva Bigonha (UFMG)
Cláudio Leonardo Lucchesi (UNICAMP)
Daltro José Nunes (UFRGS)
André Ponce de Leon F. de Carvalho (ICMC - USP)
Ana Carolina Salgado (UFPE)
Jaime Simão Sichman (USP)
Daniel Schwabe (PUC-Rio)
Vera Lúcia Strube de Lima (PUCRS)
Raul Sidnei Wazlawick (UFSC)

Suplentes

Ricardo Augusto da Luz Reis (UFRGS)
Jacques Wainer (UNICAMP)
Marta Lima de Queiroz Mattoso (UFRJ)

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

Sumário

1	Boas Lembranças na Presidência da SBC Daniel A. Menascé (George Mason University)	1
2	Sociedade Brasileira de Computação - Gestão 1989-1991 Clésio Saraiva dos Santos (UFRGS)	5
3	SBC 1991-1993: O Fim da Reserva de Mercado Pedro Manoel da Silveira (UFRJ)	11
4	A SBC de 1993 a 1997 Ricardo Reis (UFRGS)	23
5	As Dimensões, a Evolução e os Desafios da SBC Flávio Rech Wagner (UFRGS)	35
6	Recordações Especiais de Uma Ex-Presidente Claudia Bauzer Medeiros (UNICAMP)	45
7	Apêndice A: Diretorias da SBC	55
8	Apêndice B: Conselhos da SBC	61

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

Boas Lembranças na Presidência da SBC

Daniel A. Menascé¹

¹Department of Computer Science, George Mason University
Fairfax, Virginia, 22030, USA

menasce@gmu.edu

***Abstract.** I had the honor to serve as President of the Brazilian Computer Society (SBC) from 1987 to 1989. As the society celebrates 30 years of existence, each former President of the society was asked to reflect on his/her tenure at the helm of this important organization. This paper provides some background on the Brazilian computing scenario in the period that immediately preceded my administration and discusses how it impacted our goals and our actions at the time.*

***Resumo.** Eu tive a honra de ter sido o Presidente da Sociedade Brasileira de Computação no período de 1987 a 1989. No ano em que a sociedade comemora os seus 30 anos de existência, cada ex-Presidente foi requisitado a refletir sobre a sua administração à frente de tão importante organização. Este artigo dá uma idéia do panorama nacional na área de computação no período que precedeu minha administração e discute como os acontecimentos da época influenciaram os objetivos e ações da minha gestão.*

1. Introdução

Eu tive a honra de ter sido o Presidente da Sociedade Brasileira de Computação (SBC) no período de 1987 a 1989 e de estar na companhia de tantas figuras de prestígio que me antecederam e me sucederam na Presidência da Sociedade. No ano em que a Sociedade comemora os seus 30 anos de existência, cada ex-Presidente foi requisitado a refletir sobre a sua administração à frente de tão importante organização. Neste artigo, eu procuro dar uma idéia do panorama nacional na área de computação no período que precedeu imediatamente minha administração e discuto como os acontecimentos da época influenciaram os objetivos e ações da minha gestão. Tendo em vista que já se passam mais de vinte anos desde a minha posse, minhas lembranças são inevitavelmente incompletas. Não pude localizar nenhuma cópia escrita ou eletrônica do meu discurso de posse. Mesmo se pudesse resgatar uma cópia eletrônica, provavelmente não seria capaz de encontrar um dispositivo capaz de lê-la!

Este artigo não pretende contar a história da SBC nem a razão da sua origem já que a coletânea de relatos dos ex-presidentes cumpre este papel de forma cumulativa e segundo a ótica de cada um. No entanto, pretendo nas linhas que se seguem dar ao leitor uma idéia do cenário nacional na área de computação e como estes acontecimentos influenciaram minha gestão à frente da SBC.

2. A SBC e a indústria Nacional de informática

A história da SBC está intimamente ligada a indústria nacional de informática. O início da minha própria carreira está ligada à origem desta indústria. No começo dos anos 70,

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

a Marinha brasileira adquiriu fragatas inglesas que vinham equipadas com computadores de bordo fabricados pela empresa inglesa Ferranti. Tendo em vista que as fragatas dependiam destes computadores para o seu controle e funcionamento, a Marinha brasileira achou que seria do interesse da soberania nacional ser capaz de projetar e construir computadores brasileiros que pudessem vir a desempenhar funções similares às dos computadores estrangeiros. Teve então início o projeto Guarany, também conhecido como Projeto G10, cujo objetivo era criar o primeiro minicomputador brasileiro. Este projeto, cujo financiamento veio da Marinha e do Ministério do Planejamento, foi levado a cabo pela FDTE/USP que ficou encarregada de projetar o hardware e pelo Departamento de Informática da PUC-RIO, encarregado de desenvolver o software básico. Na época, eu fiz parte da equipe da PUC-RIO. O computador projetado e construído pelo projeto G10 foi posteriormente passado para a Cobra que o industrializou.

O panorama nacional na área de informática evoluiu para uma consciência de que o Brasil necessitava desenvolver uma indústria nacional de computadores. Este período culminou com a criação da Secretaria Especial de Informática em 1979 e com a lei de reserva de mercado para produtos de informática. Tal reserva visava proteger a nascente indústria nacional para que pudesse florescer protegida da competição de empresas estrangeiras de tecnologia mais avançada e portadoras de mais recursos. Tal política favorecia os fabricantes de hardware, representados pela Associação Brasileira da Indústria de Computadores (ABICOMP).

Os primeiros anos da SBC estiveram bastante ligados a indústria nacional de informática, e a SBC e a ABICOMP estiveram lado a lado em defesa de um objetivo comum.

3. A SBC e Formação de Recursos Humanos

Em 1984 eu fui convidado a integrar o Comitê Assessor para a área de Computação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Além de analisar pedidos de auxílio e pedidos de bolsa, nosso comitê resolveu por conta própria realizar um estudo sobre a situação de apoio à pesquisa e formação de recursos humanos na área de informática no Brasil. O estudo revelou a precariedade da situação bem como a falta de investimentos nas universidades. O montante de recursos governamentais destinados à área de computação era muito pequeno se comparados com outras áreas mais estabelecidas. Conseguimos através de Gentil Lucena, a época no CNPq, uma audiência com o Secretário Geral do Ministério da Ciência e Tecnologia, Luciano Coutinho, e apresentamos o resultado do nosso estudo. Nesta audiência, salientamos a incoerência entre a política de reserva de mercado e a carência do setor no que diz respeito ao apoio à pesquisa e formação de recurso humanos. Conseguimos também que o nosso estudo fosse publicado pelo jornal O Globo o que propiciou uma boa divulgação aos resultados do estudo. Estes eventos e a minha participação neles fizeram com que eu fosse convidado a concorrer a presidência da SBC, o que aceitei de bom grado.

4. Minha Gestão

Conforme disse anteriormente, dado o passar do tempo não posso dar um relato minucioso do que ocorreu na minha gestão. No entanto, me recordo do que considero ter sido o mais importante. Como consequência do estudo realizado pelo Comitê Assessor do CNPq,

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

ficou claro para mim, já na Presidência da SBC, que a sociedade deveria tomar um rumo que caracterizasse uma dissociação de um apoio total e irrestrito à política de reserva de mercado e a ABICOMP. Passei a adotar a firme posição que a reserva de mercado não fazia sentido sem uma política governamental e industrial de apoio à pesquisa nas universidades e de apoio a formação de recursos humanos.

O conceito básico era que para atingir o objetivo da reserva de mercado, que era fazer com que o País alcançasse uma independência tecnológica na área de computação e para competir em condições de igualdade com outras nações, o País precisaria capacitar-se para tal. Passei a argumentar neste sentido em todos os painéis dos quais participei representando a SBC em eventos nos quais também participavam representantes do governo bem como de diversas associações, incluindo a ABICOMP, ASSESPRO, e a SUCESU.

Creio ter sido importante na época que a SBC assumisse a posição de defensora de uma política de desenvolvimento tecnológico na área de computação apoiada em sólidos investimentos em pesquisa e formação de recursos humanos.

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

Sociedade Brasileira de Computação – SBC Gestão 1989-1991

Clesio Saraiva dos Santos
Presidente no período 1989-1991

¹Instituto de Informática – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Caixa Postal 15.064 – 91.501-970 – Porto Alegre – RS – Brazil

clesio@inf.ufrgs.br

Resumo. *A Sociedade Brasileira de Computação – SBC, foi criada no ano de 1978 por iniciativa da comunidade acadêmica de computação, durante a realização de Seminário na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde o início, a SBC caracterizou-se pela atuação em duas frentes, sendo uma de natureza política, na formulação da Política Nacional de Informática e nos seus desdobramentos, e a segunda voltada aos aspectos científicos e acadêmicos da computação. Com o passar dos anos e com a mudança do cenário da Informática brasileira, a SBC cresceu e consolidou-se como sociedade científica, mantendo sua atuação política sintonizada com os temas de cada momento e com as demandas da Comunidade Acadêmica que representa.*

1. Introdução

A Sociedade Brasileira de Computação – SBC foi constituída com o objetivo de congrega a Comunidade Científica e Acadêmica da Computação, a partir especialmente das atividades desenvolvidas em dois importantes eventos, o SECOMU – Seminário sobre Computação na Universidade, de natureza política, e o SEMISH – Seminário sobre o Desenvolvimento Integrado de Software e Hardware, de natureza Científica e acadêmica.

Os primeiros tempos da SBC foram marcados pela participação nas discussões sobre a Política Nacional de Informática, que tinha na Reserva de Mercado seu instrumento mais forte e polêmico, embora as atividades de natureza científica e acadêmica ocupassem espaço importante nas preocupações da Sociedade.

Com o passar do tempo, a discussão da Política Nacional de Informática ganhou espaço importante em todos os setores da Sociedade Brasileira, especialmente no Congresso Nacional, bem como nos órgãos do Governo Federal, permitindo que a SBC concentrasse mais sua atuação nas atividades de natureza científica e acadêmica.

Foram criadas as Secretarias Regionais e as Comissões Especiais, e com estas os Simpósios especializados em diversos aspectos da Computação. As Comissões Especiais e seus respectivos simpósios desempenham papel fundamental na atuação científica da SBC, substituindo, em parte, o papel original do SEMISH.

Também os aspectos políticos foram alvo dos debates pelas comissões especiais, naqueles aspectos específicos de suas áreas de especialização.

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

Também de grande relevância tem sido a atuação da SBC nas definições sobre as profissões em sua área de atuação, bem como sobre os currículos e demais aspectos relativos aos cursos destinados à formação dos profissionais voltados ao exercício de tais profissões, especialmente em nível de graduação e de pós-graduação.

Algumas dificuldades iniciais foram superadas com a consolidação da SBC, com o expressivo aumento do número de associados e com o equilíbrio financeiro alcançado mais recentemente. Hoje a SBC desfruta de uma sólida situação e um espaço importante conquistado e respeitado na Sociedade Brasileira.

2. Principais atividades na Gestão 1989-1991

O tempo decorrido e a falta de registros históricos disponíveis tornaram bastante difícil um relato mais fiel do desenvolvimento da gestão. No entanto, algumas atividades e conquistas marcantes podem ser mencionadas, embora importantes omissões certamente tenham ocorrido.

Na ocasião, a SBC enfrentava uma série de dificuldades, especialmente por se tratar de uma sociedade ainda distante da consolidação institucional e financeira. A situação dos sócios-estudantes e a falta de veículos de comunicação de circulação regular eram alguns aspectos importantes de tais dificuldades.

Algumas discussões mais ou menos polêmicas consumiam esforços da SBC e de seus associados, como a Reserva de Mercado, a regulamentação das profissões em Computação, e a possibilidade do apoio de empresas multinacionais a eventos da SBC, por exemplo.

2.1. Os Congressos

Como nas demais, foram dois os congressos da SBC realizados no decorrer da gestão. Na época encontravam-se em discussão algumas propostas de alteração na estrutura do congresso, as quais não foram levadas adiante. Uma delas propunha a extinção do SECOMU e do SEMISH como eventos individualizados, sendo eles absorvidos pelo Congresso.

Em 1989 foi realizado o IX Congresso da SBC em Uberlândia, organizado pela Universidade Federal de Uberlândia. As maiores dificuldades enfrentadas foram relacionadas com os aspectos financeiros, sempre críticos na realização de eventos científicos. Ao final, as dificuldades foram superadas pela Tesouraria da SBC, com a inestimável ajuda da Associação Brasileira da Indústria de Computadores – ABICOMP, parceira histórica da SBC, sendo o evento bem sucedido.

Em 1990, já com a experiência de Uberlândia, foi realizado o X Congresso da SBC, em Vitória do Espírito Santo, organizado pela Universidade Federal do Espírito Santo. Toda a preparação do congresso foi feita sem atropelos de qualquer natureza, sendo o evento realizado com absoluto sucesso e tranquilidade.

2.2. A situação dos sócios-estudantes

Havia uma indefinição estatutária sobre a situação dos sócios-estudantes, cuja categoria não era prevista explicitamente no Estatuto, o que causava sérias preocupações entre os conselheiros e diretores da SBC, bem como freqüentes reclamações por parte dos

estudantes. A quantidade de sócios-estudantes era importante e crescente e a preocupação era de que a predominância dos estudantes nas decisões políticas da SBC pudesse distorcer os objetivos da Sociedade.

Depois de acaloradas discussões e assembléias, chegou-se a um equacionamento bastante razoável da questão, tendo em muito contribuído para isto o equilíbrio e o bom senso das lideranças estudantis, conscientes do importante momento histórico vivido pela SBC.

2.3. A publicação do Boletim da SBC

Este importante veículo de comunicação interna da sociedade foi publicado de forma artesanal, mas com regularidade ao longo da gestão, permitindo aos associados um razoável acesso às diversas informações produzidas pelos vários setores da SBC. Muitas informações sobre a PNI e a participação da SBC em sua discussão foram divulgadas, bem como informações sobre os eventos promovidos pelas comissões especiais. O objetivo era a publicação de um número do boletim a cada mês, mas esta meta não foi alcançada integralmente. No entanto, o resultado final aproximou-se do objetivo.

2.4. O retorno da Revista Brasileira de Computação

Esta foi, sem dúvida, uma das ações mais importantes desenvolvidas durante a gestão 1989-1991, pela extrema importância da publicação regular de uma revista científica para uma sociedade. Esta foi uma das metas estabelecidas quando da montagem da nova diretoria, cabendo a tarefa à primeira secretaria, de acordo com o disposto no Estatuto. A revista foi publicada regularmente ao longo da gestão, contando com o esforço e o apoio não apenas do primeiro-secretário e de seu suplente, responsáveis maiores, mas também de diversos pesquisadores e instituições, especialmente do NCE-UFRJ, cujo suporte foi fundamental para a viabilidade e o sucesso da publicação.

A mensagem da presidência referente ao retorno da RBC, encerrava com o seguinte parágrafo: “Por fim, a RBC é, e sempre será, fruto do apoio, da crítica, da participação de todos nós, que formamos a SBC. Inconformados, insubmissos, irrisignados, muitos jovens e muitos já não tanto, acreditando na capacidade de nossa gente, na possibilidade de vencermos nossas limitações, de traçarmos nosso destino e andarmos em frente, sem a utopia da auto-suficiência, porém com a dignidade da independência conquistada pelo esforço e pela competência.”

2.5. Política Nacional de Informática

Receberam igualmente atenção da diretoria e do conselho, bem como da sociedade como um todo, as discussões sobre a Política Nacional de Informática, especialmente no âmbito do CONIN – Conselho Nacional de Informática e Automação, onde a SBC dividia uma cadeira com a SBPC.

Na época, estava em elaboração e discussão o II PLANIN – Plano Nacional de Informática e Automação. A minuta elaborada pela Secretaria Especial de Informática enfatizava a importância da pesquisa e da formação de recursos humanos para a consolidação da PNI. No entanto, tal ênfase nos aspectos qualitativos não se traduzia em medidas objetivas para assegurar o fluxo regular de recursos para aquelas atividades. Também não estabelecia mecanismos de administração de recursos e definição de

prioridades que assegurassem uma distribuição baseada no mérito científico dos projetos.

Na época, o setor de Informática já representava um importante segmento do mercado industrial brasileiro, com um faturamento anual próximo dos 4 bilhões de dólares, cabendo às empresas nacionais um faturamento em torno de 2,5 bilhões de dólares, e às estrangeiras, cerca de 1,5 bilhão de dólares, o que estimulava sobremaneira o interesse dos empresários brasileiros e estrangeiros.

A média dos investimentos feitos em pesquisa e desenvolvimento pela indústria nacional de informática era cerca de treze vezes maior do que a média verificada em todos os outros setores da economia brasileira. A indústria nacional de informática empregava, então, cerca de 36 mil funcionários, dos quais um terço com curso superior.

2.6. Formação de Recursos Humanos

Historicamente a SBC tem se ocupado da discussão e das iniciativas referentes a formação de recursos humanos na área de computação, especialmente em nível de graduação e pós-graduação. Durante a gestão, temas que monopolizaram as atenções da comunidade acadêmica, além da incessante busca por melhores recursos para laboratórios, bolsas de estudo e bibliotecas, foram a questão dos currículos dos cursos de graduação e a avaliação dos cursos de pós-graduação. Tais assuntos foram conduzidos pela 2ª Secretaria, por competência estatutária, a qual promoveu várias reuniões de coordenadores de cursos, normalmente realizadas durante os congressos.

2.7. Outras atividades

Grande esforço foi dedicado também a outras iniciativas, tais como a consolidação e uma maior participação das secretarias regionais, conduzida pela Vice-presidência da SBC, com uma melhor definição sobre o processo de escolha dos secretários. Na ocasião, era percebida a existência de uma falta de entrosamento entre a Diretoria da SBC e as delegacias regionais, assim como de uma definição mais clara do papel a ser desempenhado por elas e dos recursos disponíveis para tanto. Também importante era o papel das secretarias regionais na busca da reaproximação dos associados desgarrados.

Ao mesmo tempo foi colocada como objetivo a ampliação do número de comissões especiais - CEs e dos respectivos simpósios, bem como seu maior entrosamento na SBC, conduzida pela Secretaria Geral da Sociedade. Notava-se um afastamento das CEs em relação à SBC, havendo uma certa confusão entre a figura da CE e a figura do respectivo simpósio. Em alguns casos, não havia a indicação formal do novo coordenador, em outros não havia a necessária renovação. Em outros casos era subentendido que o coordenador indicado para o próximo simpósio era o novo coordenador da comissão. Era também percebida a existência de comissões inativas por vários anos.

As profissões em Computação e sua eventual regulamentação foram objeto de vários debates, com a participação entusiasmada dos estudantes e dos profissionais da área, preocupados especialmente com sua inserção no mercado de trabalho.

Também importantes foram os esforços dedicados à formulação de um Programa Nacional de Laboratórios Universitários junto ao MEC e ao MCT. O objetivo era dotar os centros de pesquisa e formação de recursos humanos de laboratórios

modernos e adequados ao cumprimento de sua missão. Na ocasião, era prática corrente a doação às universidades de equipamentos obsoletos descartados por empresas e órgãos públicos, contra a qual insurgiu-se a SBC, uma vez que era absolutamente incompatível com o objetivo de formação de recursos humanos de alto nível, capazes de inovar e fazer o mercado avançar tecnologicamente.

5. Conclusões

Ao longo dos seus 30 anos a SBC acumulou conquistas até alcançar o estágio atual em que desfruta de um bom grau de consolidação institucional e financeira. Tais conquistas não foram alcançadas com facilidade, já que a SBC enfrentou momentos de grave dificuldade, especialmente de natureza financeira. Seus eventos e veículos já são tradicionais e fundamentais para a vida de nossa comunidade, que congrega um expressivo número de membros. Certamente esta é uma empreitada que nunca se conclui, pois a cada momento histórico surgem novos desafios e novos obstáculos a vencer. A certeza, no entanto, é de que a SBC está plenamente capacitada a enfrentá-los e vencê-los.

SBC 1991-1993: O Fim da Reserva de Mercado

Pedro Manoel da Silveira

Núcleo de Computação Eletrônica e Departamento de Ciência da Computação
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
CCMN Bloco C – Sala E105-C – Cidade Universitária – Rio de Janeiro – RJ – Brazil
pedro@nce.ufrj.br

***Abstract.** This paper reports on the most relevant challenges for the Brazilian Computer Society (SBC) in the early 90's. The end of the market reserve policy, the extensive dissemination of computers and the expansion of the Internet are this period's background scene.*

***Resumo.** Este artigo relata os aspectos mais importantes da atuação da SBC entre maio de 1991 e julho de 1993, período marcado notadamente pelo fim da reserva de mercado no Brasil, a disseminação explosiva dos computadores e o uso da Internet.*

1. A gestão e seus desafios

É difícil isolar alguns acontecimentos daqueles que os antecederam. Cada minuto que vivemos contém todos os minutos que vieram antes, e com a SBC não é diferente. Em 1991, a nossa sociedade era fruto de um esforço constante, apaixonado, que envolvia diretamente centenas de pessoas. O caráter da SBC havia evoluído aos poucos, na medida em que mais e mais pessoas indo sendo impregnadas de uma espécie de doutrina não escrita. Não uma doutrina de fundamentalismos imutáveis e ideológicos, mas, isto sim, de idéias, atitudes e de crença na própria força. A honestidade intelectual no trato dos problemas, os exemplos pessoais de obstinação e empenho, a busca do aperfeiçoamento técnico científico e o interesse nacionalista de desenvolver o nosso país através da computação (esse era o nome!) cativavam os que se aproximavam da SBC.

Assim, não é possível falar sobre os acontecimentos da gestão 91-93 sem lembrar de todos aqueles que participaram da SBC antes desse período. Os parágrafos seguintes devem ser lidos como parte de uma seqüência contínua de causas e conseqüências encadeadas. Em cada novo movimento há um componente derivado dos erros e acertos da SBC que foram sendo incorporados ao longo da nossa história.

Nossa gestão iniciou-se em abril de 1991, após a gestão do professor Clésio Saraiva dos Santos, da UFRGS, e prolongou-se até julho de 1993, quando o professor Ricardo Reis, também da UFRGS, assumiu. Nesse período, a diretoria era composta pelo professores Philippe Navaux, da UFRGS, e Silvio Meira, da UFPE, como Vice-Presidente e suplente; Claudio Kirner, da UFSCar, e Sérgio Schneider, da UFU, como Secretário Geral e suplente; Marcos Borges e Cláudia

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

Mota, da UFRJ, como Primeiro Secretário e suplente; Daltro Nunes, da UFRS, e Nívio Ziviani, da UFMG, como Segundo Secretário e suplente; Therezinha Costa, da PUC/Rio, e Emmanuel Passos, do IME-RJ, como Tesoureiro e suplente. Na ocasião, integravam o Conselho da SBC os professores Cláudia Bauzer Medeiros, Clésio Saraiva dos Santos, Daniel Mensascè, Gentil José de Lucena, Hans Liesenberg, Luiz de Castro Martins, Manoel Agamemnon Lopes, Roberto da Silva Bigonha, Rubens Nascimento Melo, Siang Wun Song, como membros titulares, e os professores Ana Regina C. Rocha, Erastótenes Edson de Araújo, Sonia Schechtman Sete, Alberto Henrique Frade Laender e Luciana Ferraz Thomé, como suplentes.

Olhando para trás, considero que os esforços dessa equipe e de toda comunidade da SBC nesse período contribuíram no fortalecimento da SBC em três aspectos. O primeiro deles foi consolidar a SBC como uma grande promotora de eventos científicos, haja vista o número de congressos e simpósios que foram agregando-se ao nosso calendário, notadamente com a realização dos congressos nacionais envolvendo grande número de eventos. Outro aspecto, este de cunho político, foi a aceitação da SBC como uma genuína porta-voz da comunidade científica de Informática na discussão e aprovação da Lei de Informática no Congresso Nacional, em 1992, na qual ficou estabelecido que parte da renúncia fiscal promovida pela lei reverteria diretamente para atividades de pesquisa em universidades e centros especializados. O terceiro aspecto, relativo à educação superior, foi a aproximação com o MEC de forma incisiva, que contribuiu para uma profunda mudança na postura da antiga SENESU em relação às suas atribuições legais no tocante à autorização e reconhecimento de cursos superiores, cujos desdobramentos envolveram boa parte da nossa comunidade de professores universitários, que trabalharam com afinco numa pequena revolução.

2. Terra arrasada

O clima político no início da década de 90 ficou evidenciado numa das últimas reuniões do Conselho Nacional de Informática e Automação, ocorrida em 1991. Criado no bojo da Lei da Política Nacional de Informática, em 1984 e ligado diretamente à Presidência da República ao lado de órgãos como o SNI e o Alto Comando das Forças Armadas, o CONIN demonstrava a força e o prestígio político que a comunidade de computação desfrutava no nosso país. Força e prestígio que adivinham do amadurecimento de uma geração brilhante, formada na sua maioria por engenheiros, que se apaixonara pelos computadores a partir do início da década de 60 e que vivera em tempos de intensas transformações científicas, sociais e econômicas. Uma geração que acreditava que poderia mudar o modelo de instalação e desenvolvimento de uma indústria que, embora promissora, ainda pouco mostrara do seu fantástico potencial de proliferação e da sua capacidade de transformação da sociedade.

Anos depois, por ocasião da reformulação dos ministérios do Governo Collor, a lei 8.208, sancionada em 12 de abril de 1990, criava a Secretaria de Ciência e Tecnologia, um dos órgãos de assistência direta e imediata à Presidência da República e a ela subordinava o CONIN, cuja constituição passava a ser regida pelo artigo 39, que alterava a lei 7.232:

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

“O Conselho Nacional de Informática e Automação, CONIN, é constituído por representantes dos Ministros da Economia, Fazenda e Planejamento, da Infra-Estrutura, do Trabalho e da Previdência Social, da Educação, das Relações Exteriores, pelo Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas e pelo Secretário de Ciência e Tecnologia e da Administração Federal, representando o Poder Executivo, bem assim por 8 (oito) representantes de entidades não governamentais, compreendendo representantes da indústria e dos usuários de bens e serviços de informática, dos profissionais e trabalhadores do setor, da comunidade científica e tecnológica, da imprensa e da área jurídica.

§ 1º Cabe a Presidência do Conselho Nacional de Informática e Automação ao Secretário de Ciência e Tecnologia.”

A mesma lei extinguiu o cargo de Ministro de Ciência e Tecnologia e localizava a SEI, Secretaria Especial de Informática, na SCT.

A reunião era realizada numa sala com uma enorme mesa, em torno da qual havia várias linhas de cadeiras. Os membros titulares do CONIN sentavam-se à mesa, na primeira linha, e seus assessores, logo atrás, numa segunda linha de cadeiras em volta da primeira. Alguns trechos da mesa tinham uma terceira linha. Eu estava na segunda, assessorando o professor Clésio Santos, da UFRGS (a quem eu sucedera na SBC), que era o representante da SBPC naquele conselho. Havia dezenas de jornalistas na ante-sala e o frisson era evidente.

No dia 2 de outubro de 1991, havia sido sancionada pelo Presidente Fernando Collor a lei 8.248, cujo artigo 14 estabelecia que

“A partir de 29 de outubro de 1992, cessam as competências da Secretaria da Ciência e Tecnologia no que se refere à análise e decisão sobre os projetos de desenvolvimento e produção de bens de informática, bem como a anuência prévia sobre as importações de bens e serviços de informática, previstas nos...”

Assinavam a lei, ainda, Jarbas Passarinho e Marcílio Marques Moreira. Na prática, era decretado o fim de Reserva de Mercado e a reunião, presidida pelo então Secretário de Ciência e Tecnologia, professor José Goldemberg, tratava, entre outras coisas, do que fazer do espólio da Política de Informática.

O espírito da reunião era de terra arrasada. O CONIN tinha representantes da indústria, sindicatos e academia mas, na sua maioria, era constituído por governistas, que vieram com suas patrulas prontas para a terraplanagem. O tom era jocoso em relação aos que acreditaram na reserva, tanto que o representante da SBPC, numa de suas intervenções, chegou a advertir os participantes sobre isso. Uso o termo terra arrasada porque não foi sentido, por um momento sequer, qualquer tipo de preocupação em aproveitar os muitos pontos positivos trazidos pela reserva, entre eles a excepcional taxa de técnicos projetistas de alto nível que havia no Brasil em comparação a países com grau de desenvolvimento semelhante ao nosso.

Não lembro exatamente de todos os pontos ali discutidos, exceto pela preocupação, por parte de alguns dos representantes do Governo, em incluir novos

setores da indústria nos beneficiários dos incentivos fiscais estabelecidos pela lei 8.248. Nada se falou sobre novos rumos acadêmicos e científicos para a Informática. A reunião era a epítome do seu tempo. A idéia era a de que o que fora feito estava simplesmente errado. O terreno ficou limpinho. A República da Casa da Dinda triunfara.

3. O prêmio de consolação

A lei 8.248 trazia em seu bojo um prêmio de consolação para nossa comunidade: benefícios, na forma de renúncia fiscal, para empresas que investissem em desenvolvimento na área de informática.

Até então, a indústria de Informática, para garantir os benefícios de incentivo da Lei 8022, devia aplicar 5% de seus recursos em projetos de P&D. Entretanto, havia pouco controle e a suspeita de que muitas das atividades de P&D eram despesas regulares das empresas. Embora volumosos, os recursos chegavam escassos à academia. A doação de equipamentos era permitida, o que levou ao estabelecimento de convênios poucos saudáveis para algumas universidades, que às vezes recebiam verdadeiros “elefantes brancos”.

Uma nova lei tratava da renovação desses benefícios. Agora, todas as indústrias poderiam aplicar até 5% de seu faturamento em atividades de P&D em troca dos benefícios da renúncia fiscal. O problema é que os mesmos problemas se repetiriam: atividades realizadas nas empresas ou em instituições não tradicionais perenizavam o desperdício desses recursos, fazendo dos incentivos uma mera redução de impostos.

O relator da lei era o deputado Nelson Proença, do PMDB gaúcho. O projeto já havia passado na Comissão de C&T e caminhava célere para sua aprovação, por votos de lideranças. Poucos dias antes da eleição, a SBC procurou o Prof. Edson Machado da SCT e manifestou seu interesse em criar mecanismos para que a lei pudesse direcionar corretamente os recursos para quem de fato fazia pesquisa e desenvolvimento. Tendo sido reconhecida com a legítima representante da comunidade acadêmica no Brasil (numa pergunta direta do deputado relator) a SBC apoiou e conseguiu, em contatos com parlamentares e até mesmo contra o parecer da Comissão de C&T da Câmara que, obrigatoriamente, 2% do faturamento deveriam ir para universidades e órgãos de pesquisas. O apoio dos deputados José Serra (SP) e Sandra Starling (MG) foi decisivo. A votação do projeto foi adiada por um dia, para uma nova avaliação e os artigos foram devidamente incorporados ao texto da lei. A estimativa de recursos era fantástica: o faturamento da indústria era estimado em bilhões de dólares. Na volta para casa, liguei do aeroporto para o CNPQ, ainda muito otimista: “Eratóstenes, prepare-se para gastar 140 milhões!”.

O projeto seguiu seu curso e foi sancionado pelo Presidente Fernando Collor pouco tempo depois. Nem todos os artigos tinham sido sancionados. Acontece que o parágrafo que alterava a constituição do CONIN fora vetado por Collor (o PT tentou introduzir dois representantes de centrais sindicais no conselho, como parte da negociação) e, naquele momento, pairava dúvida sobre se a constituição anterior ainda valia ou não. A luta agora era pela regulamentação dos mecanismos

de aplicação dos recursos. Especificamente, a SBC queria que o controle fosse rigoroso e a priori. Queria, ainda, participar no processo de julgamento dos projetos.

Aí, o Brasil mostrou a sua cara. Várias cartas foram escritas, estivemos no Congresso falando sobre a necessidade de regulamentar a lei em sessões públicas e pouco acontecia. A própria SBC contribui com idéias, como a sugestão de que o CNPQ e a FINEP fossem considerados recipientes legais dos recursos aplicação em suas atividades de financiamento e fomento à pesquisa. A idéia era que pequenas empresas, sem capacidade de negociar projetos juntos aos centros de pesquisa, pudessem beneficiar-se da lei aplicando seus recursos num fundo que reverteria para projetos institucionais daqueles órgãos.

Finalmente, o decreto regulador saiu em 2/4/1993, quase dois anos depois da lei. Nosso principal objetivo não estava lá: o controle era fraco, delegado ao CONIN, um órgão cuja própria constituição era discutida. A SBC não participaria nas instâncias de julgamento e as empresas submetiam seus projetos depois de realizá-los. A burocracia fizera sua parte, distorcendo o espírito da lei e acomodando interesses econômicos.

Acredito que uma parcela desses recursos tenha sido bem aplicada, mas nossa comunidade perdia uma grande, enorme chance. Empresas de grande porte fizeram convênios de milhões de dólares com quase todas as grandes universidades brasileiras. Entregavam equipamentos em troca de pequenas contrapartidas. Alguns desses convênios incluíam dezenas de cópias de manuais, discos de instalação com sistemas operacionais que nunca seriam usados, programas de computadores aposentados. Tudo com notas fiscais e faturas robustas.

4. A aproximação com o MEC

A SBC aproximou-se decisivamente do MEC no início dos anos noventa. Essa aproximação deu-se através do professor Paulo Roberto da Silva, responsável pelo setor de Comissões de Especialistas da antiga MEC/SENESU. À época, a fiscalização e avaliação dos cursos de Informática, para fins de autorização de funcionamento e reconhecimento, eram feitas de maneira pouco formal e os “especialistas” eram convocados segundo critérios absolutamente desconexos daqueles que seriam desejáveis. Convidado para participar da Reunião de Coordenadores de Cursos de Informática, evento do XII Congresso Nacional da SBC, no Rio de Janeiro, organizado pela Diretoria de Ensino da SBC, e ciente da seriedade como era tratado o ensino de graduação, o referido professor aderiu à idéia de estreitar os laços entre o MEC e a SBC. Isso se traduziu em ações e movimentos políticos que culminaram com a nomeação de membros da SBC para a Comissão de Especialistas em Informática. Inicialmente, foram nomeados os professores Daltro Nunes, da UFRGS, e Roberto Bigonha, da UFMG, que logo após foram seguidos pelo professor Miguel Jonathan, da UFRJ. Essa participação provocou, nos anos seguintes, uma profunda transformação no processo de avaliação das instituições de ensino, tanto em termos de critérios e organização como em termos da participação docente qualificada e largamente diversificada. Dezenas de professores envolveram-se entusiasticamente nesse esforço, cujo

efeito extravasou a Comissão de Informática e teve reflexos até mesmo em comissões de outros setores.

5. A SBC e outras sociedades científicas

O início da década de 90 foi extremamente difícil para as agências de fomento brasileiras. O CNPq estava sendo alvo de ações danosas ao seu funcionamento normal, tais como cortes de verbas, atrasos nas bolsas e salários aviltantes além, é claro, de ações administrativas em alguns órgãos governamentais não condizentes com o nível e a missão desses órgãos. Isso levou a SBPC, sob a presidência do Professor Ennio Candotti, a agir de forma mais agressiva politicamente. Vários encontros foram organizados pela Assembléia das Sociedades Científicas, que chegava a reunir perto de 50 representantes de 30 instituições que faziam C&T. Lembro de relatos como o do então presidente da Sociedade Brasileira de Matemática, Professor Camacho, que dava conta da situação do IMPA, onde o número de pesquisadores diminuía abruptamente nos últimos anos e que estava em vias de perder mais quatro importantes cientistas, desfalcando irremediavelmente grupos outrora solidamente constituídos e mundialmente reconhecidos.

A SBC sempre esteve presente a esses encontros, que resultavam em visitas a membros do poder executivo, como o Ministro da Fazenda, Marcílio M. Moreira, o presidente do CNPQ, Mares Guia, o secretário de C&T, a secretária da SENESU, e outros. No Congresso Nacional, as sociedades científicas eram recebidas pelos presidentes das casas e presidentes de comissões especiais. O senador Mário Covas, em particular, que sempre fora um grande aliado da área de C&T, mostrava-se muito atendo às explicações e fazia inúmeras perguntas.

A linha de argumentação principal da SBPC e suas congêneres era a de que os recursos de C&T deveriam estar vinculados, através de leis específicas, à arrecadação de modo a evitar as variações de humor dos governantes da vez. Na ocasião houve, inclusive, uma campanha internacional quando vários pesquisadores de renome enviaram cartas de apoio ao movimento das sociedades científicas para membros do Governo e Congresso brasileiros. Na ocasião, paradoxalmente, a comunidade de computação já tinha uma lei que vinculava recursos ao movimento econômico, mas a regulamentação não saía.

6. Eventos da SBC

Os eventos da SBC seguiam de vento em popa. Nosso congresso anual tornara-se um sucesso em termos de conteúdo e inscitos, e corria o país. Em 1991 havia sido realizado em Santos, SP. Crescia, entretanto, a idéia de aproveitarmos o sucesso de público e incluir no Congresso eventos das Comissões Especiais, organizados na forma de simpósios. Em 1992, a experiência foi levada a cabo: os simpósios de Inteligência Artificial, Concepção de Circuitos Integrados, Informática na Educação e o Congresso Ibero-Americano de Educação Superior em Informática, além dos tradicionais SECOMU e SEMISH, foram realizados em conjunto, num único evento. Cinco exemplares de anais, com artigos originais, foram publicados.

Do lado das agências de fomento, os eventos da SBC eram cada mais reconhecidos como um calendário natural de eventos, o que facilitava o trâmite dos pedidos de auxílio. O Anexo I deste documento apresenta a lista de completa de eventos nacionais da SBC realizados até 1993.

7. O funcionamento da SBC

No *front* doméstico, a SBC ocupava a sede da Rua Venceslau Brás, 27, fundos. Dividíamos espaço com a Ciência Hoje, publicação de divulgação científica da SBPC, num pequeno prédio no campus Praia Vermelha, da UFRJ. Seu Jorge e Danilson lutavam com dificuldades para atender nossos sócios, cujo número variava sensivelmente entre um evento e outro.

A maior parte da comunicação com os sócios ainda era feita através de cartas impressas. Isso dificultava o pagamento e a coleta das anuidades e fazia dos eventos da SBC o grande ponto de encontro entre os sócios, quando o recrutamento de novos associados e a atualização de dados dos mais antigos eram feitos em ritmo intenso.

Financeiramente, a SBC mantinha-se das anuidades dos associados e da participação percentual das taxas de inscrição dos eventos. O orçamento era modesto, o que nos dava pequena mobilidade em face das dimensões continentais do nosso país. Apesar disso, felizmente, a SBC contava com o altruísmo de um grupo expressivo de professores, estudantes e profissionais, que dispunha-se a colaborar como nossa sociedade e ceder espaço em suas instituições de origem para nossas atividades, o que permitia o seu funcionamento.

8. Vida que segue

O XII Congresso da SBC realizou-se na sede do IME, no Rio de Janeiro, em setembro de 1992. No final da tarde do dia vinte e nove, debatedores convidados discutiam o tema “O Financiamento à Pesquisa e a Lei 8.248”, por conta de um painel do XXII SECOMU, no auditório da Escola de Guerra Naval na Praia Vermelha. No programa do evento, o painel era anunciado assim:

“Com as crescentes dificuldades para obtenção de recursos para pesquisa e desenvolvimento no âmbito do Governo Federal, a comunidade deve analisar outras formas de financiamento para suas atividades. A Lei 8.248, aprovada pelo Congresso Nacional no final de 1991, permite que empresas da Área de Informática apliquem até 5% de seu faturamento bruto em P&D. A Lei, entretanto, não está em pleno vigor, pois sua regulamentação está em preparação pela Secretaria de Ciência e Tecnologia. O Painel pretende examinar aspectos dessa lei e estudar formas para que sua implementação seja realmente útil para o país. Pretende-se também analisar os tipos de cooperação que poderiam existir entre Universidade e Indústria.”

A SBC estava viva e, confiante, olhava para o futuro. Naquele mesmo instante, a 1.000 km dali, em Brasília, numa histórica sessão do Congresso Nacional, caía a República da Casa da Dinda.

Agradecimentos

Gostaria de, em nome da Diretoria e do Conselho da SBC no período 91-93, agradecer a todos aqueles que tanto trabalharam em prol da nossa sociedade, especialmente os organizadores de eventos e delegados regionais, que numa época ainda sem a WEB em plena operação faziam a SBC estar presente em muitos recantos desse nosso país.

Dedico este breve relato a dois ex-presidentes da SBC com os quais tive a honra de trabalhar mais de perto: Luiz de Castro Martins e Clésio Saraiva dos Santos. Os exemplos que nos deram, de seriedade, inteligência, dedicação, coragem e sabedoria, forjaram na SBC valores que certamente ainda vão inspirar as novas gerações em muitas e muitas jornadas.

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

Anexo I

A título de registro, segue a lista de eventos realizados pela SBC até 1993.

CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO

- | | |
|----------------------------|-----------------------------|
| 1. 1981, Florianópolis, SC | 8.1988, Rio de Janeiro, RJ |
| 2. 1982, Ouro Preto, MG | 9.1989, Uberlândia, MG |
| 3.1983, Campinas, SP | 10.1990, Vitória, ES |
| 4.1984, Viçosa, MG | 11.1991, Santos, SP |
| 5. 1985, Porto Alegre, RS | 12.1992, Rio de Janeiro, RJ |
| 6.1986, Recife, PE | 13.1993, Florianópolis, SC |
| 7.1987, Salvador, BA | |

JAI - JORNADA DE ATUALIZAÇÃO EM INFORMÁTICA

XII edição em Florianópolis, SC, 1993 Desde 1982.

CTD - CONCURSO DE TESES E DISSERTAÇÕES

VI edição em Florianópolis, SC, 1993. Desde 1988.

CTIC - CONCURSO DE TRABALHOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XII edição em Florianópolis, SC, 1993. Desde 1982.

ENECOMP - ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE COMPUTAÇÃO

XI edição em Florianópolis, SC, 1993. Desde 1983.

SECOMU - SEMINÁRIO SOBRE COMPUTAÇÃO NA UNIVERSIDADE

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| 1. 1971, Porto Alegre, RS | 13. 1983, Campinas, SP |
| 2. 1971, São Carlos, SP | 14. 1984, Viçosa, MG |
| 3. 1972, Campina Grande, PB | 15. 1985, Porto Alegre, RS |
| 4. 1974, Ouro Preto, MG | 16. 1986, Recife, PE |
| 5. 1975, Campinas, SP | 17. 1987, Salvador, BA |
| 6. 1976, Mecejana, CE | 18. 1988, Rio de Janeiro, RJ |
| 7. 1977, Florianópolis, SC | 19. 1989, Uberlândia, MG |
| 8. 1978, Salvador, BA | 20. 1990, Vitória, ES |
| 9. 1979, Porto Alegre, RS | 21. 1991, Santos, SP |
| 10. 1980, Rio de Janeiro, RJ | 22. 1992, Rio de Janeiro, RJ |
| 11. 1981, Florianópolis, SC | 23. 1993, Florianópolis, SC |
| 12. 1982, Ouro Preto, MG | |

SEMISH - SEMINÁRIO SOBRE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DE SOFTWARE E HARDWARE

- | | |
|-----------------------------|------------------------------|
| 1. 1974, Porto Alegre, RS | 11. 1984, Viçosa, MG |
| 2. 1975, Porto Alegre, RS | 12. 1985, Porto Alegre, RS |
| 3. 1976, Porto Alegre, RS | 13. 1986, Recife, PE |
| 4. 1977, Belo Horizonte, MG | 14. 1987, Salvador, BA |
| 5. 1978, Rio de Janeiro, RJ | 15. 1988, Rio de Janeiro, RJ |
| 6. 1979, São Paulo, SP | 16. 1989, Uberlândia, MG |
| 7. 1980, Campinas, SP | 18. 1990, Vitória, ES |
| 8. 1981, Florianópolis, SC | 19. 1991, Santos, SP |
| 9. 1982, Ouro Preto, MG | 20. 1992, Rio de Janeiro, RJ |
| 10. 1983, Campinas, SP | 21. 1993, Florianópolis, SC |

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

SBBD - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE BANCOS DE DADOS

1. 1986, Rio de Janeiro, RJ
2. 1987, Porto Alegre, RS
3. 1988, Recife, PE
4. 1989, Campinas, SP
5. 1990, Rio de Janeiro, RJ
6. 1991, Manaus, AM
7. 1992, Porto Alegre, RS
8. 1993, Campina Grande, PB

SBCCI - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CONCEPÇÃO DE CIRCUITOS INTEGRADOS

1. 1983, Porto Alegre, RS
2. 1985, Porto Alegre, RS
3. 1988, Gramado, RS
4. 1989, Rio de Janeiro, RS
5. 1990, Ouro Preto, MG
6. 1991, Jaguarina, SP
7. 1992, Rio de Janeiro, RJ

SBRC - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE REDES DE COMPUTADORES

1. 1983, Porto Alegre, RS
2. 1984, Campina Grande, PB
3. 1985, Rio de Janeiro, RJ
4. 1986, Recife, PE
5. 1987, São Paulo, SP
6. 1988, Belo Horizonte, MG
7. 1989, Porto Alegre, RS
8. 1990, Campinas, SP
9. 1991, Florianópolis, SC
10. 1992, Recife, PE
11. 1993, Campinas, SP

SBES - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ENGENHARIA DE SOFTWARE

1. 1987, Petrópolis, RJ
2. 1988, Canela, RS
3. 1989, Recife, PE
4. 1990, Águas de São Pedro, SP
5. 1991, Ouro Preto, MG
6. 1992, Gramado, RS
7. 1993, Rio de Janeiro, RJ

SBIE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

1. 1990, Rio de Janeiro, RJ
2. 1991, Porto Alegre, RS
3. 1992, Rio de Janeiro, RJ
4. 1993, Recife, PE

SIBGRAPI - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMPUTAÇÃO GRÁFICA E PROCESSAMENTO DE IMAGENS

1. 1988, Itaipava, RJ
2. 1989, Águas de Lindóia, SP
3. 1990, Gramado, RS
4. 1991, Águas de Lindóia, SP
5. 1992, Águas de Lindóia, SP
6. 1993, Recife, PE

SBIA - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

1. 1984, Porto Alegre, RS
2. 1985, São José dos Campos, SP
3. 1986, Rio de Janeiro, RJ
4. 1987, Uberlândia, MG
5. 1988, Natal, RN
6. 1989, Rio de Janeiro, RJ
7. 1990, Campina Grande, PB
8. 1991, Brasília, DF
9. 1992, Rio de Janeiro, RJ
10. 1993, Porto Alegre, RS

SBAC - SIMPÓSIO BRAS. DE ARQUITETURA DE COMPUTADORES E PROC. PARALELO

1. 1987, Gramado, RS
2. 1988, Águas de Lindóia, SP
3. 1990, Rio de Janeiro, RJ
4. 1992, São Paulo, SP
5. 1993, Florianópolis, SC

SCTF - SIMPÓSIO DE COMPUTADORES TOLERANTES A FALHAS

1. 1985, São José dos Campos, SP
2. 1987, Campinas, SP
3. 1989, Rio de Janeiro, RJ
4. 1991, Gramado, RS
5. 1993, São José dos Campos, SP
6. 1995, Canela, RS
7. São José dos Campos, SP

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

SIMPÓSIO SOBRE DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE BÁSICO PARA MICROS

1. 1981, Rio de Janeiro, RJ
2. 1982, São Paulo, SP
3. 1983, Rio de Janeiro, RJ
4. 1985, Belo Horizonte, MG

WORKSHOP SOBRE EDUCAÇÃO EM COMPUTAÇÃO/INFORMÁTICA

WEI - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM INFORMÁTICA

1. 1992, Rio de Janeiro, RJ
2. 1993, Florianópolis, SC

RBC - REVISTA BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO (*volume; número; ano*)

1 1 1981	3 2 1983/1984	5 3 1990
1 2 1981	3 3 1983/1984	5 4 1990
1 3 1981	4 1 1984/1985	6 1 1990
2 1 1982	4 2 1984/1985	6 2 1990
2 2 1982	4 3 1984/1985	6 3 1991
2 3 1982	5 1 1989	6 4 1991
3 1 1983/1984	5 2 1989	7 1 1993

OUTROS EVENTOS

Além dos eventos acima listados, a SBC organizou dezenas de outros, tais como reuniões, painéis, simpósios de caráter regional e palestras. Também foram produzidos textos originais para as Jornadas de Iniciação Científica.

A SBC de 1993 a 1997

Ricardo Reis

Instituto de Informática – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Caixa Postal 15.064 – 91501-970 – Porto Alegre – RS – Brasil

reis@inf.ufrgs.br

***Abstract.** This paper tries to describe the actions of the SBC during the terms 1993-1995 and 1995-1997. It is described some actions willing an increase in the number of members of the society, reorganization of the SBC, international visibility, publications and presence in the financing agencies. It is highlighted the actions to keep the freedom of professionals in the field, as well of companies, avoiding them to be obliged to become members of professional councils.*

***Resumo.** Este artigo procura descrever a atuação da SBC nas gestões 1993-1995 e 1995-1997. São descritas as ações visando a ampliação do número de sócios, reestruturação da SBC, inserção internacional, publicações e atuações junto aos órgãos de fomento. São destacadas também as ações visando manter a liberdade de atuação dos profissionais em computação, assim como das empresas do setor, mantendo livres da exigência de estarem associados a algum conselho profissional.*

1. Introdução

A Sociedade Brasileira de Computação vinha tendo uma atuação expressiva desde a sua criação especialmente em relação às ações políticas e na organização de eventos científicos nas diferentes áreas da computação. Mas era ainda uma sociedade pequena em número de sócios, considerando os profissionais atuantes na área. A diretoria e conselho da SBC entenderam que neste período seria importante de além de manter as ações que vinham sendo efetuadas, aumentar a presença da SBC nas diferentes regiões do País ao mesmo tempo em que a SBC deveria ampliar a sua atuação internacional visando auxiliar na inserção internacional da comunidade brasileira de computação.

2. Crescimento da Sociedade

Nestes 4 anos verificamos uma adesão de 2945 novos sócios, com uma adesão anual crescente, como mostra o gráfico abaixo. Em nosso entendimento, este crescimento é devido principalmente a 3 fatores:

- reestruturação das Secretarias Regionais e a instalação das Delegacias Regionais
- organização das Escolas Regionais de Informática da SBC
- aumento do número de estudantes e profissionais em computação

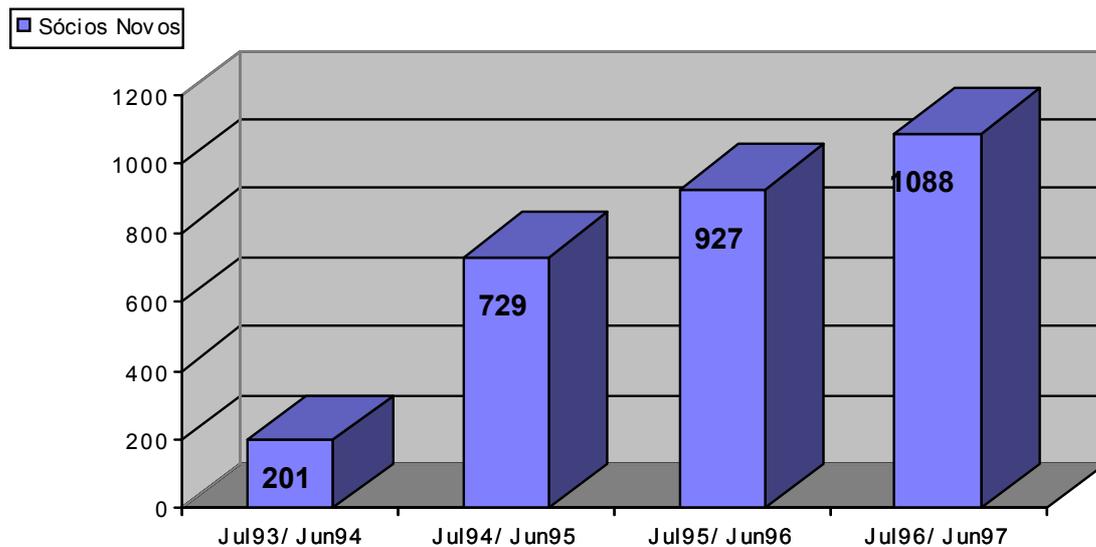


Figure 1. Novos sócios que ingressaram na SBC anualmente no período 93-97

3. A SBC ingressa na IFIP

Em setembro de 1994, durante a Assembléia Geral da IFIP realizada em Hamburgo na Alemanha, foi aprovado o ingresso da SBC na IFIP, como *Full Member*, representando o Brasil. O ingresso efetivo da SBC aconteceu durante a Assembléia Geral da IFIP realizada em Calgary, no Canadá, quando houve a primeira participação oficial na Assembléia Geral. A Cooperação Internacional do CNPq tem apoiado a participação da SBC na IFIP, contribuindo com o pagamento da anuidade desde 1995. Em 1996, o representante da SBC na IFIP, Ricardo Reis, foi eleito membro do Conselho da IFIP, pela Assembléia Geral, para um mandato de 4 anos. Neste ano de 1997, a Assembléia Geral da IFIP foi realizada no Brasil, em Canela, logo após o IFIP VLSI 1997, de 31 de agosto a 4 de setembro. No relatório de gestão [Reis 1997] é apresentado uma lista de eventos internacionais realizados no Brasil, neste período, sendo que a maioria destes eventos (7) são eventos da IFIP. Em 1996, foi publicado um capítulo sobre a SBC no livro 36 Years of IFIP. "The Brazilian Computer Society IN: 36 Years of IFIP. IFIP, 1996. Pg.177-188. Na Newsletter da IFIP de setembro de 1997 foi publicado um artigo sobre a SBC.

4. O Lançamento do Journal of Brazilian Computer Society

No início da gestão decidiu-se pela criação do Journal of Brazilian Computer Society (JBCS), uma publicação periódica, contando com o apoio financeiro do Programa Editorial do CNPq/FINEP e distribuída aos sócios da SBC. O JBCS ainda hoje a única publicação de nível internacional, editada em inglês, no Brasil, que divulga o trabalho de cientistas nacionais e estrangeiros nas diferentes áreas da computação. Cada volume é dedicado normalmente a uma área específica de conhecimento da computação. O corpo editorial internacional, constituído de pesquisadores altamente reconhecidos, tem garantido qualidade e confiabilidade. A profa. Claudia Bauzer Medeiros da Universidade Estadual de Campinas, foi o primeiro editor-chefe do JBCS, tendo efetuado um trabalho expressivo de consolidação da publicação. O primeiro volume foi

distribuído aos sócios em julho de 1994 e o segundo em novembro de 1994. Nos anos seguintes foram lançadas 3 edições anuais.

5. A SBC e a IEEE Computer Society

A SBC iniciou neste período (desde 1995) uma cooperação com a IEEE Computer Society, facilitando a realização de eventos associados da IEEE CS no Brasil.

6. Eventos Nacionais e Internacionais

Ao longo desta gestão a Diretoria da SBC trabalhou no sentido de promover e apoiar os mais diversos eventos na área da informática e computação em todo o país. A Diretoria esforçou-se para trazer ao Brasil eventos internacionais, com o objetivo de promover o intercâmbio de informações, pesquisa e novas tecnologias. A figura 2 apresenta o número de eventos organizados pela SBC a cada ano, observando que diversos eventos foram organizados em conjunto, em um mesmo local.

Neste período verificou-se um incremento significativo na realização de eventos internacionais no Brasil, com a participação da SBC em sua organização, principalmente devido ao ingresso da SBC na IFIP, como representante do Brasil. Cabe observar que de 1 a 4 de Setembro de 1997 foi realizada pela primeira vez no Brasil uma Assembléia Geral da IFIP. De 1 a 5 de Setembro de 2001 foi realizada uma segunda Assembléia Geral da IFIP no Brasil, desta vez em Natal.

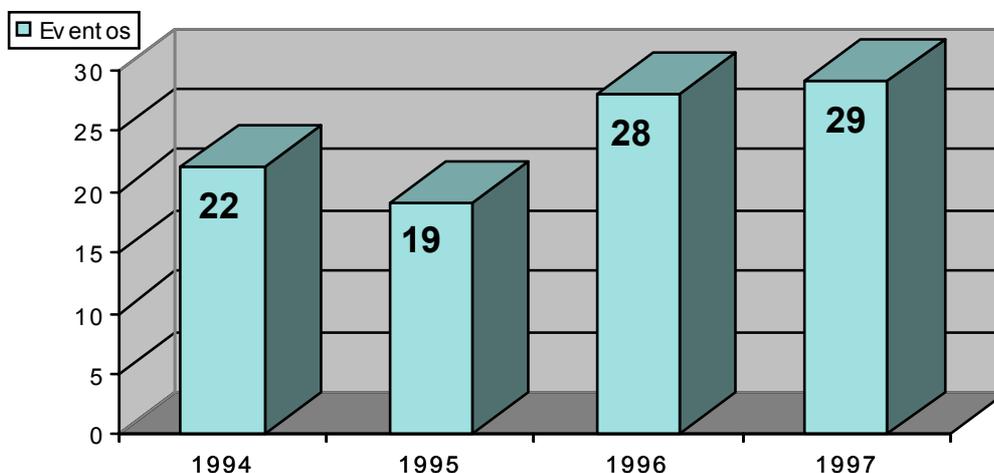


Figure 2. Número anual de eventos realizados pela SBC de 1994 a 1997.

7. Escolas Regionais da SBC

As Escolas Regionais de Informática (ERI) que são eventos anuais, realizadas pelas Secretarias Regionais da SBC, e têm por objetivo oportunizar a estudantes e profissionais de informática entrar em contato com alguns tópicos que estão na vanguarda da pesquisa em Informática no país e no exterior, assim como integrar a comunidade de informática das diversas Regionais do país. As Escolas Regionais da SBC iniciaram pela Secretaria Regional Sul, sendo que a primeira ERI foi realizada na

cidade de Santa Maria em 1988. Em 1995 começou o processo de realização de ERIs em outras regiões do país tendo se consolidado como um evento da SBC realizado em diferentes regiões do país. É dirigido para estudante de graduação e pós-graduação em Ciência da Computação (e cursos afins), professores, pesquisadores e profissionais da área.

8. Boletins da SBC

O primeiro Boletim Eletrônico da SBC circulou no Segundo semestre de 1993 tendo por objetivo divulgar via INTERNET as diversas notícias nacionais e internacionais de interesse da comunidade, em especial aquelas relacionadas às atividades da Sociedade. O Boletim é divulgado através de várias listas eletrônicas de discussão, de forma assídua com periodicidade variável, dependendo de contribuições recebidas da Diretoria, das Comissões Especiais, das Secretarias Regionais, etc. Através do Boletim Eletrônico, a SBC torna públicos os relatórios finais dos eventos promovidos pela Sociedade, além de divulgar permanentemente o calendário de eventos promovidos ou apoiados pela SBC. O endereço eletrônico boletim-sbc@inf.ufrgs.br tem sido muito utilizado pelos sócios da SBC para encaminharem diferentes solicitações de ajuda ou esclarecimento.

O primeiro Boletim Impresso da SBC circulou em julho de 1996, tendo como objetivo de consolidar informações de interesse dos sócios, tais como estatuto, regimentos, guia de organização de eventos, calendário de eventos. A periodicidade era anual tendo sido o segundo número publicado em Julho de 1997.

9. Reestruturação das Secretarias Regionais e Instalação das Delegacias Institucionais

As Secretarias Regionais e Delegacias Institucionais da SBC possuem um importante papel na estrutura da Sociedade pois estão próximas dos associados e da comunidade como um todo, recebendo e fornecendo mais informações que a Diretoria em si. As Secretarias Regionais estão distribuídas de acordo com a maior concentração de sócios nas Regionais e as Delegacias Institucionais são formadas dentro de instituições que possuem profissionais e estudantes da área de computação.

Em julho de 1997, a SBC contava com 05 (cinco) Secretarias Regionais e 73 (setenta e três) Delegacias Institucionais, sendo que aproximadamente metade das Delegacias Institucionais está localizada na Região Sul. No relatório de gestão 93-97, é apresentado a lista das Secretarias Regionais e Delegacias Institucionais existentes em Julho de 1997.

10. Regimento das Secretarias Regionais e Delegacias Institucionais

O Regimento das Secretarias Regionais e Delegacias Institucionais foi proposto pela Diretoria e foi aprovado pelo Conselho da SBC em agosto de 1995, durante o Congresso da SBC realizado em Canela - RS, com o objetivo de revitalizar as Secretarias Regionais e criar as Delegacias Institucionais. O regimento está publicado no Boletim da SBC e está também disponível na webpage.

11. Guia de Organização de Eventos

O primeiro Guia SBC de Organização de Eventos foi criado em agosto de 1994, elaborado com o objetivo de padronizar tanto as ações promovidas pela Sociedade como a documentação a elas associada. Visa a orientar as Comissões Organizadoras dos diversos eventos promovidos pela SBC em seu trabalho de planejamento e realização de Simpósios e do Congresso. Estabelece um padrão de troca de informações entre as comissões e a SBC, tanto durante a fase de planejamento de cada evento, como após a sua realização. Contém normas que devem ser seguidas em caráter obrigatório e sugestões que podem ou não ser seguidas pelas comissões organizadoras durante o planejamento e a organização dos eventos. Apesar desta distinção, o Guia apresenta todas as orientações ordenadas cronologicamente, segundo o respectivo momento da sua aplicação.

12. Atuação junto ao CNPq

12.1. CACC

A SBC neste período fez um trabalho de articulação, com sucesso, junto a comunidade de computação, referente a indicação de sócios atuantes da SBC como candidatos a membros do CACC. Com isto a interação do CACC com a SBC foi bastante efetiva neste período. O CACC além de escutar a comunidade, tem apoiado sistematicamente os eventos realizados pela SBC.

12.2 Setor de Cooperação Internacional

A SBC efetuou esforços junto a Diretoria de Cooperação Internacional do CNPq visando promover e ampliar a participação da comunidade de informática do Brasil junto ao cenário internacional. Uma das ações resultou no apoio financeiro da Cooperação Internacional do CNPq a SBC, para pagamento da anuidade junto a IFIP, o que aconteceu durante muitos anos. A SBC é membro pleno da IFIP, sendo a entidade que representa o Brasil. Cada país pode ter apenas um representante junto à IFIP (www.ifip.org).

12.3. ProTeM/CC

Através de suas Secretarias Regionais, a SBC organizou, em parceria com o ProTeM/CC, diversos Seminários de Gestão de Projetos Cooperativos em Informática, que teve por objetivos:

- Ajudar os participantes a lidar com as questões de expectativa e qualidade dos resultados, prazos e utilização dos recursos, desempenho, interação e satisfação das equipes que são imprescindíveis para a boa gestão de projetos cooperativos;
- Colocar disponíveis para os participantes, os instrumentos que facilitem a gestão de projetos e a interação com os agentes governamentais que podem apoiar o projeto;
- Criar um espaço para intercâmbio de experiências e aprendizado mútuo sobre gestão de projetos cooperativos.

O ProTeM/CC - Cooperação Internacional contou com o apoio operacional da SBC para organizar o seu Planejamento Estratégico, que reuniu representantes de órgãos governamentais e representantes de diversas Universidades, em dezembro de 1996 em Porto Alegre - RS, nas dependências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Da

mesma forma, a Cooperação Internacional do Protem-CC contou com o apoio operacional da SBC para a organização do Workshop PROTEM/NSF sobre Robótica Inteligente. O evento se realizou no período de 19 a 21 de março de 1997 em Porto alegre - RS, nas dependências da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

12.4. SOFTEX

A Presidência da SBC encaminhou proposta ao Softex de realização de um evento conjunto visando aproximar as comunidades universitária e empresarial, para discutir a evolução tecnológica na área.

Banco de Doutores - A SBC elaborou um Banco de Doutores em Computação, sob demanda do Softex, e que foi também transmitido ao Protem-CC (Sec. PE). Este Banco de Doutores deverá ser incluído na época na webpage da SBC.

13. Ações junto ao MCT

13.1 RHAE

Uma das necessidades da SBC é tornar sua estrutura funcional cada vez mais profissional. Partindo desta premissa, a Diretoria da SBC encaminhou Projeto RHAE, solicitando Bolsas a serem utilizadas na gestão da Sociedade em reuniões técnicas, participação em eventos e editoração, sempre com um Diretor ou Secretário Regional responsável pelo trabalho associado.

13.2 PADCT

O Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia - PADCT consiste num projeto elaborado para desenvolver um programa de ajuda a educação em ciência da computação no Brasil. Este programa está baseado na política de ciência e tecnologia geral do país, e considera o seu impacto no processo econômico da América Latina também.

A influência do processo de informatização no dia-a-dia e seu impacto em particular no setor industrial, onde a informatização necessita ser acelerada, visa atender aos problemas sociais da região. Nós conhecemos o impacto que a informatização causou nos últimos 50 anos, mas certamente que será ainda maior nos próximos tempos.

O Projeto do Subprograma em Informática foi submetido pela SBC ao Ministério da Ciência e Tecnologia em setembro de 1996. Inicialmente foi submetida uma versão em português, e em seguida, a versão final, em inglês. Espera-se que em 3 anos possa tornar-se realidade, contribuindo para o desenvolvimento da C&T através do desenvolvimento da educação e treinamento, programas de graduação e pós-graduação, educação continuada, troca de tecnologia, redes de ensino, escolas de segundo grau, organização de eventos científicos, cooperação entre universidade e indústria, criação de centros de inovação e de transferência de tecnologia, pesquisa e desenvolvimento de projetos e suporte à sua infra-estrutura, criação de centros regionais de pesquisa, laboratórios especiais (dedicados à pesquisa de áreas de interesse nacional), redes locais, bibliotecas, publicação de livros técnicos, cooperação internacional.

14. Atuações junto ao MEC

Na época, a Comissão de Especialistas do MEC contava com dois membros da Comissão de Educação da SBC. Neste sentido, a Sociedade levava para o MEC a política do ensino de graduação definida pela Sociedade. Desde então, a SBC tem atuado diretamente na definição dos padrões de qualidade para cursos de graduação para a área de informática. O Currículo de Referência da SBC é utilizado pelo MEC na análise de novas propostas de cursos de graduação em informática, como referencial de qualidade.

15. Atuação junto a CAPES

Interação junto a CAPES visando incrementar o número de bolsas para a área. Interação ativa através do Prof. Roberto Bigonha, Diretor de Educação da SBC na época e Coordenador da Área de Computação na Capes.

16. Currículo de Referência

A primeira versão do Currículo de Referência da SBC foi elaborado em 1991, tendo sido aprovado pela Sociedade no Congresso daquele ano em Santos, SP. Em 1996, o CR 91 foi reformulado e aprovado em Recife - PE, durante o IV Workshop sobre Educação em Informática. O Currículo de Referência tem sido utilizado pelo MEC na análise dos pedidos de reconhecimento de novos cursos de graduação. Os CR da SBC estão disponíveis na página na página da SBC: <http://www.sbc.org.br>

17. Regulamentação da Profissão

A Diretoria e Conselho da SBC mantiveram neste período o posicionamento contra a criação de reservas de mercado de trabalho para o exercício das atividades profissionais da área de informática. As várias tentativas de regulamentação das atividades da área propostas nos últimos anos sempre trouxeram em seu bojo a criação ou utilização de conselhos de classes profissionais, que impõem severas restrições à liberdade do exercício profissional. No sentido de defender sua posição, a SBC tomou neste período as seguintes ações:

- Aprovou Resolução explicitando sua posição nesta matéria
- Moveu ação contra CFA, que havia editado Resolução exigindo o registro dos profissionais de informática nos CRA e limitando o exercício profissional daqueles que não possuísem registro.
- Divulgou a "Carta de Canela", elaborada em conjunto com a SUCESU, ASSESPRO, ABINFO, SINDPPD, durante o Congresso da SBC de 1996 realizado em Canela, explicitando mais uma vez sua posição quanto a Regulamentação da profissão e reserva de mercado profissional na área.
- Enviou parecer à Procuradoria da República no RS.
- Atuou em conjunto com as outras entidades representativas do setor de informática, junto à Procuradoria do Estado do Rio Grande do Sul.

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

- Enviou carta a Procuradoria Geral da República solicitando a interpelação do CFA em relação à exigência de registro profissional nos CRA para o exercício das atividades da área de informática.
- Encaminhou sugestões para a elaboração de um Projeto de Lei, que regulamente a profissão sem limitar a liberdade de seu exercício.
- Participou de Sessão Pública no Congresso Nacional, na pessoa do seu presidente, para manifestação da posição da SBC em relação a Projeto de Lei de regulamentação da Profissão (Reunião 320/97, de 20/5/97, Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática).

18. Participação em fóruns, programas, comissões..

Durante o período a SBC procurou participar dos diferentes órgãos, programas e comissões de forma a contribuir com a difusão do conhecimento em informática e participar na construção de soluções para problemas locais, regionais e nacionais.

19. Mudança no Estatuto

A alteração no Estatuto da SBC, realizada em 1996, surgiu da necessidade de tornar a estrutura da Diretoria mais eficiente e adequada às necessidades da Sociedade, além de atualizar o Estatuto à realidade atual da mesma. A proposta de alteração nos Estatutos foi apresentada e aprovada durante a Assembléia Geral da SBC, realizada durante o Congresso de Recife - PE, em agosto de 1996. Dentre as alterações, definiram-se novas denominações e atribuições para os cargos da Diretoria, criaram-se as Diretorias Extraordinárias e formalizou-se a existência das Secretarias Regionais e das Delegacias Institucionais. A Diretoria da SBC passou a ter a seguinte organização:

Presidente: Ricardo Augusto da Luz Reis

Vice-Presidente: Paulo Roberto Freire Cunha

Vice-Presidente Adjunto: Edson Costa de Barros Carvalho Filho

Diretor Administrativo: Guilherme Horta Travassos

Diretor de Educação: Roberto da Silva Bigonha

Diretor de Eventos e Comissões Especiais: Flávio Rech Wagner

Diretor das Secretarias Regionais: Iára Terezinha Pereira Cláudio

Diretor de Publicações: Cláudia Bauzer Medeiros

Diretor de Finanças: Therezinha Souza da Costa

Diretor de Divulgação e Marketing: cargo vago

Diretor de Planejamento e Programas Especiais: Rosa Maria Viccari

Diretor da SBC-Editora: Clarindo Isaias P. S. E. Pádua

20. Comissões Especiais

20.1 Regulamentação das Comissões Especiais e Simpósios

Em outubro de 1993, visando normatizar as relações entre a Diretoria e as Comissões Especiais, em especial em relação à organização dos simpósios promovidos pelas Comissões, foi proposta e aprovada regulamentação que define procedimentos mínimos de interação. Após quase 4 anos de vigência desta regulamentação, seu maior mérito foi institucionalizar a atuação das Comissões Especiais perante a Diretoria e o Conselho da Sociedade. Também como resultado desta institucionalização, desde o congresso anual

de 1995 realiza-se encontro anual entre os coordenadores das Comissões Especiais e os membros da Diretoria. Um dos resultados desta reunião em 1996 foi a decisão de edição de números especiais do Journal of the Brazilian Computer Society, a cargo de Comissões Especiais.

20.2 Criação de novas Comissões Especiais

Durante a gestão da atual Diretoria, foram criadas três novas Comissões Especiais: Redes Neurais (em outubro de 1994), Computação e Música (em outubro de 1995) e Sistemas Multimídia e Hiperemídia (julho de 1997). Cada uma destas Comissões Especiais já realizou três edições dos respectivos simpósios, o que demonstra que estas áreas já estão atingindo sua consolidação dentro da Sociedade.

21. Nova Programação Visual (Logomarca)

Em agosto de 1994, foi elaborada uma nova programação visual da SBC, elaborada pelo LEAD-Laboratório da Faculdade de Comunicação da UFRGS, visando associar a logomarca com a missão da SBC de contribuir no processo de inserção da computação brasileira no cenário internacional.



Figure 3. Logomarca da SBC lançada em 1994

22. Webpage e SBC-L

Em julho de 1995, foi efetuada a implantação da lista da SBC "sbc-l@cos.ufrj.br" em novo site e com novas facilidades obtidas através do gerente de listas majordomo se deu no início da gestão, assim como a implantação da webpage da SBC "<http://www.cos.ufrj.br/~sbc>". Com a intenção de aprimorar o sistema de informações da Sociedade, obteve-se junto a FAPESP o domínio "sbc.org.br", para funcionamento do site da SBC, desvinculando-o do site da UFRJ. O site localiza-se em um equipamento obtido por empréstimo temporário, cedido pela COPPE. Na webpage da SBC podem ser encontradas informações como os objetivos da Sociedade, eventos promovidos e apoiados, Currículo de Referência, Planejamento Estratégico, Anais, instruções de como se tornar membro da SBC e últimas novidades interessantes para a comunidade. Várias Secretarias Regionais elaboraram webpages próprias, assim como diversos eventos da SBC têm elaborados páginas específicas.

23. Carteira de Sócio e Material de Divulgação

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

Desde 1995, os sócios da SBC passaram a receber uma Carteira de Sócio, que é renovada anualmente, após o pagamento da anuidade.

Visando ampliar a divulgação da sociedade, foram realizados os seguintes materiais de divulgação:

- Cartaz Institucional
- Folder em português
- Folder em inglês (duas edições).

24. Publicações

Neste período a SBC passou a publicar alguns anais de seus simpósios através de editoras do exterior, por iniciativa das Comissões Especiais de Inteligência Artificial, Computação Gráfica e Processamento de Imagens, Redes Neurais e Conceção de Circuitos Integrados:

Pela Springer Verlag: Anais do SBIA (1995 e 1996)

Pela Computer Society: Anais do SIBGRAPI 1997, SBRN 1997 e SBCCI 1998.

Posteriormente, outras comissões especiais da SBC tomaram iniciativa semelhante.

Além do início da publicação do JBCS (veja item 4) e dos anais de seus diversos eventos, a SBC iniciou no período a publicação anual do Livro do JAI (Jornadas de Atualização em Informática). Anteriormente, cada curso do JAI correspondia a uma brochura e com a publicação do livro, cada curso do JAI passou a corresponder a um capítulo do livro. Recentemente o Livro do JAI passou a ser publicado pela Editora da PUCRJ.

25. Olimpíadas de Informática

Em 1996, através de contatos realizados em reuniões da Assembléia Geral da IFIP, a SBC decidiu aceitar o convite para organizar a participação brasileira nas Olimpíadas Internacionais de Informática, organizadas pelo COI - Comitê Olímpico Internacional, e destinadas a jovens estudantes do segundo grau, ou que tenham recém completado o segundo grau. A SBC esteve presente nas Olimpíadas realizadas na África do Sul, em dezembro de 1997, como observador, e nas Olimpíadas de Portugal em 1998, competindo com uma equipe de jovens. O prof. Ricardo Anido foi o nome aprovado pelo Conselho para coordenar a organização das Olimpíadas Brasileiras de Informática e a participação nas Olimpíadas Internacionais, o que tem sido efetuado com um resultado extremamente positivo.

26. Planejamento Estratégico

Visando atingir os objetivos previstos nos Estatutos, a Diretoria da SBC durante a gestão 93-97 detectou a carência de uma estratégia de desenvolvimento baseada em um planejamento estratégico. Com o pronto apoio do PROTEM-PG/CNPq, coordenado pelo Prof. Gentil Lucena, o Planejamento Estratégico da SBC, foi realizado de 9 a 11 de outubro de 1996, contando com a participação dos membros da Diretoria da SBC, bem como de representantes do CNPq, empresas e órgãos de classe como ASSESPRO e

SUCESU. A coordenação do encontro ficou a cargo da Profa. Rosa Viccari, Diretoria de Planejamento e Programas Especiais da SBC e contou com a consultoria de Ângela Gomes e Grener Marinho Costa, da Escola de Governo da Unicamp, que conduziram os trabalhos com competência. O resultado do encontro foi muito significativo, na avaliação dos presentes. No relatório de gestão [Reis 1997] é apresentado um resumo dos resultados e conclusões do planejamento estratégico. Um relatório completo do planejamento estratégico foi disponibilizado na webpage da SBC. A experiência foi muito interessante e consideramos que o processo deva ser repetido regularmente.

27. Conclusões

As ações efetuadas durante este período foram possíveis em função de uma ótima sinergia entre Diretoria, Conselho, Comissões Especiais, Secretarias Regionais, Delegacias Institucionais e Secretaria da SBC, assim como com os demais voluntários que assumiram a coordenação de diversas ações como os diferentes eventos realizados pela SBC. A SBC através de suas diferentes instâncias tem avançado ao longo de sua existência, mas ainda é possível avançar bastante. O número de sócios tem crescido ao longo do tempo, mas se considerarmos o número de profissionais em computação existentes no país e o número de profissionais formados a cada ano no Brasil, é possível aumentar consideravelmente o número de sócios da SBC.

Em um mundo cada vez mais globalizado, é importante que a SBC tenha um papel cada vez mais significativo visando contribuir para a inserção internacional da comunidade de computação brasileiras, especialmente de seus sócios. Consideramos que existe um conjunto significativo de ações que a SBC pode efetuar, além das que já tem efetuado, de forma a avançar no processo de inserção internacional da comunidade brasileira de computação. Achamos importante que o processo de Planejamento Estratégico seja efetuado regularmente de forma a definir as ações que a SBC deve efetuar.

28. Referências

Reis, R. (1997), Relatório de Gestão 1993-1997.

Silveira, P. e Reis, R. (1995) Anais do SECOMU 1995, Vol. 1.

As Dimensões, a Evolução e os Desafios da SBC

Flávio Rech Wagner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Instituto de Informática

***Resumo.** Este artigo inicia-se com uma apresentação daquelas que são, a meu ver, as três principais dimensões de atuação da SBC – a da divulgação científica, a educacional e a política. Na seqüência, é analisada a evolução da sociedade nos períodos de 1993 a 1999 e de 1999 a 2003, este último correspondendo a minhas gestões na Presidência. Finalmente, são discutidos os principais desafios que se colocam a frente da SBC nos próximos anos.*

1. Introdução

O convite para a redação deste artigo-depoimento foi devido a minha atuação como Presidente da Sociedade Brasileira de Computação (SBC) por dois mandatos consecutivos, de julho de 1999 a julho de 2001 e de julho de 2001 a julho de 2003. Mas minha atuação na SBC se estende por longo período anterior a estes mandatos, conforme detalhado adiante na Seção 2.

Em função desta longa e intensa convivência com as diversas instâncias e atividades da SBC, este meu artigo vai além de um depoimento sobre meu período como Presidente da SBC. Ele inicia, na Seção 3, com uma descrição e avaliação daquelas que, na minha visão, têm sido as três principais dimensões de atuação da sociedade – a da divulgação científica, a educacional e a política.

Como participante ativo e interessado da vida da SBC, pude observar de muito perto e colaborar com a evolução da sociedade em seus últimos vinte anos. As mudanças que a SBC experimentou neste período foram notáveis e indicam um potencial de evolução futura ainda maior. Na Seção 4, eu analiso especialmente a evolução ocorrida no período de 1993 a 1999, quando exerci outros cargos na Diretoria da sociedade. Depois, na Seção 5, me detenho na evolução ocorrida ao longo de meus dois mandatos na Presidência. Essencialmente, creio que a SBC conseguiu, neste período analisado de dez anos, um enorme avanço em termos de institucionalização, tanto na organização interna como no seu relacionamento com os demais atores da sociedade brasileira, e em termos de capilarização, com uma grande expansão geográfica e temática, permitindo alcançar com suas instâncias e atividades uma parcela expressiva da comunidade universitária, científica e tecnológica da área.

Mas, certamente, a SBC ainda tem desafios a sua frente, que eu discuto na Seção 6. Em particular, a SBC deve avançar mais na sua relação institucionalizada com a sociedade e deve decidir se quer também avançar em outras dimensões que até agora não foram adequadamente cobertas em suas atividades, em particular no relacionamento com

empresas e com profissionais atuantes no mercado, em função da expectativa de evolução da indústria nacional de base tecnológica.

2. Minha atuação na SBC

Além da Presidência, nas gestões 1999-2001 e 2001-2003, exerci mandatos em outras funções da Diretoria da SBC em quatro outras gestões: Segundo Secretário (correspondente ao atual Diretor de Educação), na gestão de Daniel Menascé, entre 1987 e 1989; Secretário-Geral Adjunto, na primeira gestão de Ricardo Reis, entre 1993 e 1995; Secretário-Geral (correspondente ao atual Diretor de Eventos e Comissões Especiais), na segunda gestão de Ricardo Reis, entre 1995 e 1997; e Vice-Presidente, na gestão de Silvio Meira, entre 1997 e 1999. Fui conselheiro suplente entre 1989 e 1991 e conselheiro titular entre 2003 e 2007. Fui ainda membro da Comissão de Educação na gestão 2003-2005.

Cito ainda minha atuação como coordenador geral do Congresso da SBC de 1995, realizado em Canela (RS), o primeiro a chegar ao número de 2000 participantes, e como coordenador do comitê de programa do SEMISH, em duas oportunidades (1992 e 2007), e do SBCCI, em uma oportunidade (2004). Fui também membro do *Steering Committee* da Comissão Especial de Concepção de Circuitos Integrados e participei de um número muito grande de comitês de programa de eventos diversos promovidos pela SBC (SEMISH, WEI, SBCCI, JAI, WPerformance, WTR). Como coordenador do Programa de Pós-Graduação em Computação da UFRGS, tive a oportunidade de participar do Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação entre 1997 e 1998, no período imediatamente anterior à formalização da vinculação deste fórum à SBC, e posteriormente entre 2005 e 2006. Para concluir, devo citar minha atuação como representante da SBC no CATI (comitê gestor do CT-Info, fundo setorial de Informática), entre 2002 e 2003, no Fórum de P&D do CPqD, entre 2004 e 2005, e no CGI.br (Comitê Gestor da Internet), com mandato em vigor de 2008 a 2010.

Na realidade, minha longa história na SBC começou muito cedo, pois, ainda como jovem professor da UFRGS que recém tinha concluído seu mestrado, em 1978, fui sócio fundador da sociedade. Ao longo dos trinta anos da SBC, que coincidem com meus trinta anos de atuação profissional como professor e pesquisador, criei uma vinculação muito forte com a sociedade, que considero como minha segunda casa, ao lado da UFRGS. Desde que retornei de meu doutorado no exterior, no final de 1983, só deixei de comparecer a dois congressos anuais da SBC, em função de estadias no exterior.

3. As dimensões da SBC

A SBC, como estabelece o Artigo 1º de seu Estatuto, tem por missão fundamental a defesa do desenvolvimento científico e tecnológico do país na área da Computação. Como sociedade científica, formada essencialmente por professores, pesquisadores e estudantes de nível superior, a SBC procura cumprir com sua missão através de uma forte atuação

política e da organização de atividades que privilegiam a divulgação científica¹ e o apoio à formação de recursos humanos.

3.1 A dimensão da divulgação científica e tecnológica

Uma das origens da SBC está no SEMISH, originalmente criado como evento interno no Programa de Pós-Graduação em Computação na UFRGS, em 1974, e do qual eu participei pela primeira vez como estudante já em 1975, mas que rapidamente ocupou um espaço privilegiado na disseminação das pesquisas científicas e tecnológicas que se realizavam no país. Ao longo da década de 80, diversos outros simpósios foram criados, vinculados a diferentes Comissões Especiais da SBC. Esta evolução foi acentuada nas duas últimas décadas, ao ponto em que, hoje, a SBC promove mais de trinta simpósios científicos de âmbito nacional, muitos deles constituindo-se em aglomerados que reúnem diversos eventos satélites. A estes simpósios soma-se obviamente o Congresso da SBC, que também tem uma dimensão científica, embora seus aspectos político e educacional sejam hoje mais fortes.

O conjunto de eventos da SBC atrai um público total anual de mais de 10.000 participantes, o que precisa ser enormemente valorizado. Afora os eventos organizados nos Estados Unidos pela ACM e pela IEEE Computer Society, são raros os países, mesmo de Primeiro Mundo, que possuem sociedades científicas na área da Computação que oferecem um programa tão diversificado de eventos científicos e que atraem um público tão numeroso. No Brasil, embora sociedades científicas de outras áreas promovam eventos de grande porte, é possível que nenhuma delas consiga atrair um público total tão numeroso. É também muito importante citar o fato de que parte dos simpósios da SBC atingiu nível internacional, com realização inteiramente em língua inglesa, comitês de programa internacionais e publicação dos anais por editoras internacionais.

Se, pelo lado dos eventos científicos, a SBC tem tido enorme sucesso, o mesmo não pode se afirmar da publicação de revistas científicas. Durante muito tempo, desde sua criação, a SBC publicou apenas a Revista Brasileira de Computação, em língua portuguesa, e, mesmo sendo esta a revista única da sociedade, a comunidade não conseguiu garantir a continuidade de sua edição, interrompida mais de uma vez. A partir de 1995, num esforço notável da Profa. Claudia Bauzer Medeiros, a revista foi retomada e assumiu caráter internacional, com nome de *Journal of the Brazilian Computer Society*, com edição apenas em língua inglesa e comissão editorial internacional. Mais uma vez, a comunidade não conseguiu manter a edição continuada da revista nos seus 13 anos de existência, situação que prejudicou sua indexação internacional.

Também em esforços de pesquisadores ou de pequenos grupos, a SBC edita três outras revistas científicas: desde o final da década de 90 é editada a Revista Brasileira de Informática na Educação, uma iniciativa da Comissão Especial de Informática na Educação; desde o início dos anos 2000, a SBC edita a Revista Eletrônica de Iniciação Científica, voltada à divulgação de trabalhos de alunos de graduação; e desde o ano 2005 a

¹ A SBC, como tal, não promove diretamente o desenvolvimento científico e tecnológico, o que é atribuição de universidades, empresas e centros de pesquisa. Por isso, prefiro classificar estas atividades da SBC sob o rótulo de “divulgação científica e tecnológica”.

SBC, em parceria com a SBMICRO, edita o *Journal of Integrated Circuits and Systems*, em língua inglesa, ainda em processo de consolidação.

Se na organização de eventos a SBC tem tido uma atuação exemplar, inclusive em termos internacionais, na edição de periódicos científicos a atuação tem sido, portanto, tímida e inconstante. Num momento em que a avaliação da produção científica de programas de pós-graduação (pela CAPES) e de pesquisadores (pelo CNPq) é fortemente baseada nos artigos publicados em periódicos indexados de nível internacional, a área de Computação é fortemente prejudicada pela sua timidez na edição de periódicos, mesmo que as agências de fomento tenham reconhecido a particularidade da área, onde a publicação de trabalhos em anais de conferências qualificadas é bastante importante, mesmo em nível internacional.

3.2 A dimensão educacional

A SBC, formada em sua essência por uma comunidade de professores e estudantes de universidades, não poderia deixar de dar uma grande atenção à dimensão educacional. Já no seu Estatuto de fundação, a SBC previa a existência de uma Comissão de Assuntos de Ensino, posteriormente transformada na atual Comissão de Educação. Mas esta Comissão começou realmente a ter um papel ativo apenas a partir da década de 90, e especialmente a partir da criação do WEI (Workshop de Ensino em Informática, posteriormente renomeado para Workshop de Ensino em Computação) em 1993, pelo qual a Comissão de Educação é a instância responsável. A criação do WEI foi uma das conseqüências das reuniões de coordenadores de cursos de graduação, que começaram a se realizar por ocasião do congresso anual da SBC a partir de 1986, em Recife. A atração de um público crescente de coordenadores de cursos para o congresso da SBC, em função do WEI, foi um dos principais fatores de crescimento da sociedade ao longo da década de 90. Este novo público foi também o grande motivador para a idealização do Curso de Qualidade, em 1999, já iniciado com enorme sucesso desde sua primeira edição.

Além da organização do WEI e do Curso de Qualidade, a Comissão de Educação tem sob sua responsabilidade uma terceira ação de grande relevância, que é a manutenção do Currículo de Referência da SBC. Esta ação tem seus primórdios em 1987, quando assumi a Segunda Secretaria da SBC (encarregada de assuntos de ensino) na gestão de Daniel Menascé. À época, poucos eram os cursos de graduação na área no país. Na ausência de um “currículo mínimo” para a área de Computação, ao contrário do que ocorria em outras áreas cujas profissões eram regulamentadas, a comunidade sentiu a necessidade de discutir os currículos existentes em seus cursos. A primeira ação concreta foi a coleta de informações sobre os currículos existentes, o que deu origem a um “catálogo de cursos de graduação”. Decidiu-se, então, procurar definir um currículo que representasse um denominador comum entre os currículos dos cursos existentes. Foi já neste momento que cunhou-se a expressão “currículo de referência”, para fugir à conotação de “currículo mínimo obrigatório”, imposto pelo MEC para diversas outras áreas. Como evolução natural deste trabalho, em 1991 a SBC lançava seu primeiro Currículo de Referência formalmente aprovado, servindo como orientação para a criação de novos cursos. Desde então, o Currículo de Referência passou por diversas revisões e extensões, representando uma notável contribuição da SBC para a qualificação do ensino de graduação na área no país.

Por seu interesse na discussão de currículos, e especialmente a partir da criação do WEI e da atuação organizada da Comissão de Educação, a SBC envolveu-se fortemente com a questão da avaliação e autorização de funcionamento de cursos de graduação, atividade desenvolvida no MEC. Em alguns momentos, a participação de membros ativos da comunidade da SBC junto aos órgãos do MEC (SESu e posteriormente INEP), inclusive em funções de coordenação, trouxe dificuldades para que a SBC conseguisse distinguir suas posições políticas das posições dos órgãos avaliadores. A criação do Curso de Qualidade, em 1999, foi uma decorrência natural deste interesse da comunidade pelos métodos e critérios de avaliação de cursos e, no contexto deste evento, especialmente em suas primeiras edições, esta ambigüidade entre posições da SBC e posições do MEC esteve muito latente.

Outra conquista importante da SBC foi a institucionalização do Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação, criado na metade da década de 90, como uma instância da SBC, vinculada a sua Comissão de Educação, o que se deu em 1999. Este fórum tem tido uma atuação constante e intensa na discussão dos critérios de avaliação dos programas de pós-graduação.

Na realidade, a SBC promove um grande número de outras atividades bastante relacionadas com a dimensão educacional. As Jornadas de Atualização em Informática, os mini-cursos e tutoriais apresentados nos muitos simpósios e as Escolas Regionais são alguns exemplos de atividades diretamente relacionadas com a formação de estudantes. Além disto, há vários anos a SBC mantém uma parceria com a Editora Campus, visando a edição de livros didáticos relacionados com temas cobertos pelo Currículo de Referência.

Analisada no seu conjunto, a ação da SBC na dimensão educacional é intensa, abrangente e qualificada, cobrindo aspectos políticos, curriculares e de oferecimento de cursos. A existência da Comissão de Educação garante a devida articulação entre estes múltiplos aspectos e a necessária atenção prioritária que eles merecem no contexto da SBC.

3.3. A dimensão política

Mesmo sendo uma sociedade científica, a SBC já nasceu sob o signo da atuação política. Na década de 70, quando o país ainda era completamente servido por equipamentos computacionais importados, o SECOMU era o local onde se discutiam as condições para o surgimento de uma indústria nacional de Informática. Da união desta vertente política, no SECOMU, com a vertente científica, na época representada pelo SEMISH, surgiu a SBC. Ao longo de seus trinta anos de vida, a SBC manteve fortes estas duas dimensões de atuação, reforçadas mais tarde pela dimensão educacional.

Para que sua atuação política seja eficaz e atenda as posições de uma comunidade acadêmica que tem múltiplos interesses (na ciência, na tecnologia, na formação de recursos humanos e na política industrial), a SBC precisa se relacionar com os Poderes Executivo, através de múltiplos ministérios e órgãos governamentais, Legislativo e Judiciário, assim como com outras entidades da sociedade civil.

Obviamente, o MCT e o MEC são os ministérios com os quais a relação da SBC é mais intensa. Embora contatos de nível ministerial tornem-se essenciais em momentos onde questões de grande relevância estão em discussão, o usual é o contato com órgãos

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

vinculados a estes ministérios, como CNPq, FINEP e SEPIN, no MCT, e CAPES, SESu e INEP, no MEC. Mas a SBC também precisa atuar junto a outros ministérios, sendo exemplo significativo a forte ação junto ao Ministério das Comunicações, quando o Brasil estava formulando o seu modelo de pesquisa na área da TV digital, em 2003. Em todos estes casos, a ação política da SBC se dá pelo contato entre membros de sua Diretoria com os dirigentes governamentais, sempre defendendo posições que são definidas na própria Diretoria e no Conselho da sociedade.

Em alguns poucos casos, a SBC tem obtido uma representação institucional em órgãos governamentais. Este é o caso, atualmente, do CGI.br (Comitê Gestor da Internet), onde a SBC tem conseguido eleger os nomes por ela indicados para a representação da comunidade científica e tecnológica. A SBC também já teve, no mandato 2002-2003, uma representação no CATI (comitê gestor do CT-Info, o fundo setorial de Informática) e espera obter novamente, a partir de 2008, uma nova representação naquele importante comitê, que decide sobre a aplicação de recursos do fundo setorial na pesquisa científica e tecnológica. A SBC tem ainda uma representação permanente no Comitê Gestor da ICP-Brasil, o órgão que administra a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira.

A atuação da SBC junto aos Poderes Legislativo e Judiciário tem estado vinculada fortemente à discussão da regulamentação da profissão e à defesa do modelo de liberdade do exercício da profissão preconizado pela SBC. Mas, por exemplo, a SBC também já atuou junto ao TSE na avaliação do modelo de urna eletrônica adotado no país, por solicitação daquele tribunal.

A ação política da SBC certamente mudou muito ao longo de seus trinta anos de vida. De uma ação pontual, exercida por alguns membros notáveis da comunidade acadêmica, a SBC conseguiu passar a uma ação que hoje é institucional, tanto interna como externamente. Internamente, a SBC tem discutido questões políticas relevantes em seus múltiplos fóruns e eventos, e são estas as posições que a SBC leva a todos os seus interlocutores no governo e na sociedade. Externamente, a SBC fortaleceu sua imagem perante os diversos ministérios, órgãos de governo e entidades da sociedade. Hoje, ela é chamada a se manifestar, e suas posições são ouvidas, não mais apenas porque alguns membros notáveis da comunidade são conhecidos junto aos interlocutores, mas porque, além disto (e estas relações pessoais continuam sendo fundamentais), a própria SBC é reconhecida pela qualidade de suas atividades e pela representatividade de suas posições. Para isto, certamente muito contribuiu o grande crescimento da SBC nos últimos dez a quinze anos, multiplicando seus sócios, seus eventos, seus interesses, suas atividades.

Sabendo-se que a Computação permeia hoje a quase totalidade das demais áreas da Ciência e da Tecnologia, e que isto se acentuará ainda mais no futuro, a SBC tem um papel extraordinariamente importante para o país. Suas posições precisam ser ouvidas na formulação das políticas apropriadas de desenvolvimento científico e tecnológico e de formação de recursos humanos. Uma maior aproximação com a SBPC, iniciada há poucos anos mas ainda tímida, é um fator essencial para que a SBC passe a ter sua voz mais ouvida junto a diversos segmentos sociais. As posições da SBC precisam ser legítimas, realmente institucionais, definidas em discussões através dos fóruns adequados e da adequada interlocução com os parceiros sociais, o que dará a elas a representatividade necessária junto ao restante da sociedade. Consolidar e ampliar uma atuação política institucional e efetivamente representativa em questões que estão diretamente relacionadas com o futuro

do país, fortalecida por uma crescente interlocução com o restante da sociedade, é talvez um dos maiores desafios que se colocam à frente da SBC nos próximos anos.

4. A evolução no período 1993-1999

Já ao longo da década de 90, nas gestões anteriores à minha Presidência, e das quais também participei como membro da diretoria, a SBC vinha fazendo um grande esforço de organização em torno de dois eixos principais: a institucionalização e a capilarização.

No eixo da institucionalização, eu cito dois esforços principais. Em primeiro lugar, foi feito grande esforço para que a SBC passasse a ter uma atitude pró-ativa e reconhecida junto a diversos agentes da sociedade, especialmente ministérios (MEC e MCT), agências de fomento (CNPq, CAPES, FINEP) e outras sociedades (SBPC), mudando uma situação na qual a ação política da SBC era esparsa e devida a contatos pessoais de pesquisadores experientes da comunidade, o que não trazia o fortalecimento e o reconhecimento institucional da SBC.

Em segundo lugar, houve grande esforço para a organização interna da própria SBC. Até o início da década de 90, a Diretoria e o Conselho da SBC tinham escassa interação com as Comissões Especiais, que atuavam como grupos bastante independentes. A sede da SBC dava apoio apenas ao trabalho da Diretoria, com escassa interação com as demais instâncias da sociedade (organizadores de eventos, Comissões Especiais, Secretarias Regionais, Delegacias Institucionais).

Ao final da década de 90, já tínhamos avançado para alterar esta situação. Além disto, ao final da gestão anterior, no primeiro semestre de 99, a sede da SBC foi formalmente transferida do Rio de Janeiro para Porto Alegre, onde tínhamos condições de oferecer um apoio muito melhor, inclusive em termos de área física, graças ao suporte do Instituto de Informática da UFRGS, suporte este que continua e tem avançado.

No eixo da capilarização, eu cito três grandes ações. Em primeiro lugar, as Secretarias Regionais e Delegacias Institucionais eram poucas e tinham raras atividades. Fez-se um grande esforço visando o aumento do número de Secretarias Regionais e Delegacias Institucionais e o incremento suas atividades, além de aproximá-las da Diretoria. Isto começou a expandir enormemente a SBC em direção a outros centros e em direção a cidades menores.

Em segundo lugar, como já analisado anteriormente, houve um enorme crescimento da relevância da Comissão de Educação e dos eventos a ela associados – o WEI (criado em 94) e o Curso de Qualidade (criado em 99). Na segunda metade da década de 90, a SBC passou a ter um papel muito importante na discussão dos currículos de cursos, inclusive com ativo papel político junto ao MEC. Esta ação trouxe para junto da SBC uma grande quantidade de professores e coordenadores de cursos de graduação.

Finalmente, lembro novamente que, também em 1999, o Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação foi formalizado como uma instância da SBC, atuando sob a Comissão de Educação, assim colocando a SBC no centro das discussões sobre pós-graduação no país.

Como Secretário-Geral entre 1995 e 1997 e como Vice-Presidente entre 1997 e 1999, tive a felicidade de poder exercer um papel bastante ativo nestes avanços da SBC,

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

ocorridos nos anos imediatamente anteriores a meus mandatos na presidência e que criaram o ambiente adequado para que, em minhas gestões, pudéssemos avançar ainda mais nestas direções.

5. A evolução no período 1999-2003

Na continuidade natural de um movimento que vinha sendo feito nos anos anteriores, a grande meta das minhas duas gestões na Presidência, no período de 1999 a 2003, foi a expansão e consolidação da SBC em todas as suas dimensões:

- no reconhecimento institucional, perante a própria comunidade nacional de Computação e perante os demais agentes sociais;
- na organização interna, através da atuação coordenada entre a Diretoria e todas as demais instâncias da SBC (Comissão de Educação, Comissões Especiais, organizadores de eventos, Secretarias Regionais, Delegacias Institucionais, Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação); cite-se também o fato de que os coordenadores de Comissões Especiais e os Secretários Regionais passaram a se reunir anualmente com a Diretoria durante os congressos anuais da SBC;
- no fortalecimento da sede, que passou de dois para oito funcionários, com especialização de funções para gerenciamento de diversas funções que a sede começou a assumir, e passou a apoiar de maneira intensa as ações de todas as instâncias da SBC; cite-se por exemplo o surgimento do software para inscrição em eventos e do JEMS (software para gerenciamento da programação técnica de eventos), assim como o muito forte envolvimento da sede no apoio à organização de todos os simpósios das Comissões Especiais, inclusive assumindo diversas tarefas;
- na capilarização, pelo aumento significativo das Delegacias Institucionais, que passaram de poucas dezenas a mais de 150, espalhadas em quase todos os estados do país;
- na divulgação, com a criação do Computação Brasil e a contratação de uma jornalista como funcionária da SBC para sua elaboração.

A Diretoria e a sede passaram a ter uma atuação muito mais próxima da Comissão Organizadora do congresso anual da SBC. Em 2000, criamos um "caderno de encargos" do congresso, com uma clara divisão de responsabilidades entre Diretoria/sede e Comissão Organizadora. Começamos a atuar fortemente junto à Comissão Organizadora ao longo de todo o período de preparação do congresso, garantindo uma "memória" sobre sua organização, repassada de um ano para o outro. Esta ação acabou se consolidando pela criação do Comitê Gestor do congresso, já na gestão da Profa. Claudia Bauzer Medeiros.

O número de sócios, que era de poucas centenas no início da década de 90 e vinha crescendo aos poucos, atingiu um patamar de mais de 3500 pessoas, mantido desde então. Também houve um aumento expressivo no número de sócios institucionais, que passaram de alguns poucos quites com suas anuidades para quase uma centena.

Em função da relevância e urgência do assunto, foi criada em minha primeira gestão uma Diretoria Extraordinária para a Regulamentação da Profissão. Graças especialmente ao

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

trabalho do Prof. Roberto Bigonha, esta Diretoria teve uma ação política forte e eficaz, que culminou com a elaboração de Projeto de Lei submetido ao Congresso Nacional.

Também em minha primeira gestão foi criada uma Diretoria Extraordinária para Eventos Especiais que, comandada pelo Prof. Ricardo Anido, assumiu a supervisão institucional da Olimpíada de Informática (coordenada pelo próprio Prof. Anido e cuja realização foi iniciada no Brasil por inspiração do Prof. Ricardo Reis) e da Maratona de Programação (coordenada pelo Prof. Carlos Eduardo Ferreira), eventos que também em muito ampliaram a visibilidade e capilaridade da SBC.

De uma sociedade com poucos laços internos e com pouca visibilidade e representatividade, creio que conseguimos levar a SBC a um patamar bastante distinto, no volume de sócios e de atividades, na organização interna e na representatividade perante toda a comunidade de ensino e pesquisa de Computação e a sociedade em geral.

6. Os desafios futuros

Creio que a SBC, durante minhas duas gestões na Presidência, não deixou de atacar nenhum dos desafios que se colocavam a sua frente. Certamente um grande desafio que se colocava era o avanço em todas as múltiplas dimensões de atuação da sociedade. Não ficou nenhuma frustração por algum objetivo em direção ao qual não tenhamos avançado de forma significativa. Ficou certamente um desafio para as gestões seguintes: manter as conquistas alcançadas e aprofundá-las em todas as direções, de forma harmônica e equilibrada, o que não é fácil tendo em vista a complexidade que a SBC atingiu e as múltiplas responsabilidades que foram assumidas pela sede e pela Diretoria na organização e acompanhamento de uma enorme quantidade de atividades científicas, educacionais e políticas. Mas tenho a certeza e a tranqüilidade que as gestões da Profa. Cláudia Bauzer Medeiros e a atual gestão do Prof. José Carlos Maldonado conseguiram enfrentar à altura este desafio.

Um desafio que ainda se coloca para a SBC é a aproximação com os setores industrial e de serviços. Afora patrocínios para eventos e algumas participações de empresários nas edições do Computec (criado em 1999 e mantido desde então), a SBC tem escassa interação com empresas, empresários, entidades empresariais e profissionais que atuam em empresas. Raros são os sócios que não estão vinculados a universidades. Os sócios estudantes, em sua quase totalidade, deixam a SBC ao concluírem a universidade e seguem para o mercado de trabalho.

Apesar de esforços durante minhas duas gestões e em outras gestões, os avanços para alterar esta situação foram muito tímidos. Esta situação perdura até hoje. A verdade, no entanto, é que a SBC nunca colocou esta questão como realmente essencial em sua atuação, pelo menos nas duas últimas décadas. A SBC continua sendo uma sociedade com forte viés acadêmico, o que obviamente faz parte de seu DNA e de sua missão estatutária, mas ela certamente deveria ter uma aproximação muito maior com o setor produtivo. A SBC já teve um papel político extremamente relevante entre os finais das décadas de 70 e 80, quando muito se discutia o "modelo de reserva de mercado". Isto a tornou, na época, um parceiro muito forte de empresas sediadas no país. Esta ligação se perdeu em grande parte.

É provável que a aproximação com os setores produtivos volte a se tornar um requisito muito importante para o sucesso da SBC em sua missão de defesa do desenvolvimento científico e tecnológico do país, pois espera-se que, como resultado de esforços governamentais dos últimos anos, o Brasil passe a contar com uma atividade de P&D bastante forte em empresas e centros de pesquisa, ao contrário do que hoje ocorre, onde a inovação está concentrada praticamente apenas nas universidades. A SBC precisará ter uma forte interação com os agentes envolvidos nesta atividade de P&D que estará colocada fora das universidades. E, talvez, a SBC precise oferecer serviços que efetivamente atraiam a atenção de empresas, empresários e profissionais externos às universidades, o que hoje ocorre de forma excessivamente tímida. E isto precisará ser feito sem que a SBC perca sua identidade e sua missão.

7. Conclusões

A SBC é uma sociedade multifacetada, que reúne interesses de públicos diferentes (professores, pesquisadores, estudantes de graduação e de pós-graduação, gestores universitários) e que procura oferecer uma ampla gama de atividades para atender estes públicos. Seu crescimento nos últimos quinze anos foi notável, tanto no lado institucional, considerando seu grau de organização e seu relacionamento com seus públicos internos e com a sociedade, como no lado da capilarização, com enorme aumento e diversificação de atividades. A sede da SBC tem uma atuação exemplar, oferecendo serviços de qualidade aos diretores, sócios, secretários regionais, delegados institucionais e organizadores de eventos e de outras atividades.

Talvez a SBC precise ainda discutir qual será seu papel num cenário futuro que é desejado por todos, onde exista uma forte atividade de pesquisa inovadora em centros de pesquisa e empresas, fora do ambiente universitário. Será que a atual oferta de atividades e as atuais posições políticas serão adequadas neste novo contexto ou precisarão ser ampliadas e mesmo revisadas? Tenho certeza que, mantendo a mesma vitalidade e o esforço voluntário de seus muitos sócios, a SBC saberá estar à altura destes novos tempos, para os quais sua contribuição foi muito importante, como grande promotora e defensora do desenvolvimento científico e tecnológico do país.

Recordações Especiais de Uma Ex-Presidente

Claudia Bauzer Medeiros

Instituto de Computação - UNICAMP
Caixa Postal 6176 – 13081-970 – Campinas – SP – Brasil
cmbm@ic.unicamp.br

1. Visão geral

Fui presidente da SBC por dois mandatos (de julho de 2003 a julho de 2007), sempre com o professor José Carlos Maldonado como vice-presidente. Talvez uma das atividades mais desafiadoras da presidência é a representação da Sociedade nos mais diversos fóruns, exigindo muitos deslocamentos para reuniões, palestras e cerimônias, além da produção de um grande volume de documentos.

Felizmente, a gestão anterior do professor Flávio Wagner deixou um ótimo legado, com muito trabalho realizado em todas as frentes. Quando assumi, a Sociedade estava em plena efervescência, com aumento do número de eventos científicos e cada vez mais inserção da SBC no panorama nacional de ciência e tecnologia. Já tínhamos um bom número de Comissões Especiais, o Computação Brasil estava dando seus primeiros passos, a Editora Campus já tinha um acordo para a edição de livros, Olimpíadas e Maratona estavam consolidadas. Logo após a posse, a Câmara dos Deputados acolheu o projeto de lei 1561/2003, de regulamentação da profissão, determinando seu livre exercício independente de diploma. Este cenário de crescimento com estabilidade facilitou muito a expansão das atividades da SBC durante minha gestão, mas aumentou a responsabilidade.

A atividade de presidente é marcada pela necessidade constante de manifestações oficiais e intervenções da Sociedade na defesa dos alunos, professores, pesquisadores e profissionais da Computação no Brasil. Já no dia da posse, ocorrida em julho de 2003, durante o congresso anual, em Campinas, surgia uma das centenas de “emergências” em que a presidência seria acionada. O governo acabava de iniciar atividades ligadas à TV Digital, sem incluir a comunidade de pesquisa em Computação. Foi preciso, no mesmo dia, redigir um documento – com auxílio de conselheiros – contendo um arrazoado sobre a necessidade do envolvimento de profissionais da Computação naquele esforço. Aliás, no congresso seguinte, em Salvador, a Diretoria e o Conselho precisaram redigir um manifesto urgente relacionado ao tema. Como resultado, alguns dos principais coordenadores do programa (do MCT, do MC, do CPqD) foram para Salvador e se reuniram conosco. O resultado, é bom lembrar, foi o reconhecimento oficial e público da importância da SBC para a construção da TV digital brasileira. Este reconhecimento foi feito pelo Dr Augusto Gadelha, da Secretaria de Política de Informática – SEPIN-MCT, durante o Congresso de 2007, no Rio, em uma cerimônia oficial da TV Digital. Tal declaração ocorreu, coincidentemente, minutos antes de eu passar o bastão de presidente para meu sucessor, professor Maldonado. Sob este prisma, minha gestão foi marcada temporalmente, por “timestamps” associados à TV digital - no dia da posse e no dia da despedida.

O resto deste depoimento está organizado em várias seções, semelhante a um artigo científico. A próxima seção apresenta atores importantíssimos que muito fizeram durante os quatro anos da gestão – os membros da Diretoria, do Conselho, e a equipe de funcionários. A seção seguinte discute alguns fatos e atividades marcantes que movimentaram uma grande massa de pessoas – o início dos trabalhos na TV digital, a tentativa de reorganização de áreas do conhecimento, o workshop dos Grandes Desafios, ações afirmativas envolvendo mulheres e exemplos de crises e problemas. As duas seções finais apresentam um breve apanhado de outras realizações importantes e a minha visão de futuro para a Sociedade.

Por opção, as únicas pessoas citadas nominalmente no resto deste documento são o presidente anterior e os membros da Diretoria, durante os quatro anos. Infelizmente, não é possível falar de todos que tanto ajudaram a SBC e o progresso da Computação no Brasil – o espaço não chega... Prefiro cometer esta injustiça contra todos, do que selecionar nomes e, com isso, cometer injustiças talvez maiores...

2. Alguns atores principais

Quaisquer reminiscências sobre o período 2003-2007 precisam destacar a dedicação e envolvimento da Diretoria, sempre assessorada pelo Conselho. Para dar continuidade à gestão do professor Flávio Wagner, meu antecessor, mantive alguns dos diretores anteriores e convidei outros nomes. A mesma política foi continuada na renovação do mandato em 2005.

No primeiro biênio, a Diretoria foi composta pelos professores: Carla Freitas (UFRGS), acumulando as diretorias Administrativa e Financeira; Edson Cáceres (UFMS), na diretoria de Secretarias Regionais; Ana Carolina Salgado (UFPE) na diretoria de Publicações, Karin Breitman (Puc-Rio) na diretoria de Eventos, Marcos Santana (USP-SC), na diretoria de Educação, Sérgio Cavalcante (UFPE), na diretoria de Divulgação e Marketing e Robert Burnett (PUC-PR), na diretoria de Planejamento. Os três últimos já faziam parte da diretoria anterior. O professor Roberto Bigonha (UFMG) continuou na diretoria especial de Regulamentação da Profissão e o professor Ricardo Anido (UNICAMP) na diretoria de Eventos Especiais.

No segundo biênio, a professora Aline Andrade (UFBA) assumiu a diretoria de Secretarias Regionais, enquanto o professor Edson Cáceres passou para a diretoria de Educação. O professor Altigran Silva (UFAM) se tornou o diretor de Divulgação e Marketing, a professora Marta Mattoso (UFRJ) assumiu a diretoria de Publicações e o professor Virgílio Almeida (UFMG) passou a ser diretor de Planejamento. O professor Ricardo Anido foi substituído na diretoria de Eventos Especiais pelo professor Carlos Eduardo Ferreira (USP). Permaneceram nos cargos do biênio anterior os professores Carla Freitas, Karin Breitman e Roberto Bigonha (o único que já havia participado da gestão do professor Flávio Wagner). Isto significa que houve uma renovação de quase 100% na Diretoria entre junho de 2003 (fim do mandato anterior) e julho de 2005 (início do segundo biênio).

As atividades da Diretoria são muito intensas e cansativas e esta renovação é importante – introduz novas visões e métodos de trabalho, mas também permite que os ex-diretores possam se dedicar à SBC de outras maneiras. Muitos deles tornaram-se membros do Conselho, aportando sua experiência àquele órgão.

Vários foram os critérios usados para convidar os diretores – competência, liderança, reconhecimento pelos pares e histórico de envolvimento na Sociedade. Além disso, busquei ampliar a composição regional, trazendo para a Diretoria pesquisadores de todas as regiões do Brasil. A permanência do professor Bigonha por mais de 8 anos no apoio às atividades de Regulamentação da Profissão foi uma estratégia acertada (embora violando o princípio de renovação e sacrificando o professor). Esta continuidade ajudou a SBC a superar vários entraves administrativos e políticos em diferentes esferas e nos garantiu a aceitação e tramitação, dentro do Congresso Nacional, do projeto de lei 1561/2003.

O Conselho sempre participou ativamente, dando um grande apoio e norteando as atividades da Diretoria. Não citarei nomes, já que o Conselho é eleito de forma independente, enquanto que os membros da diretoria, nas duas gestões, foram convidados e foram eleitos como parte de uma chapa. Foram, assim, parte integrante da equipe gestora da Sociedade e co-responsáveis por todos os êxitos obtidos.

Finalmente, quando se menciona equipe, é preciso ressaltar o trabalho sempre dedicado de todos os funcionários, na sede (na UFRGS). Nos quatro anos, foram feitas várias contratações, aumentando bastante a equipe. Isto foi motivado pela ampliação considerável de atividades da Sociedade, principalmente o número de eventos. A professora Carla Freitas tomou a decisão acertada de contratar durante algum tempo uma consultora externa, que iniciou um trabalho de análise administrativa e financeira da sede. Isto nos permitiu dar início a um processo de reestruturação.

Como parte desta política paulatina de agilização, contratamos uma funcionária para trabalhar diretamente ligada aos Eventos Especiais, na UNICAMP. Isto facilitou muito o enorme trabalho administrativo de gestão de Olimpíadas e Maratona, que exigem dedicação integral, com contatos com escolas e universidades de todo o Brasil, durante o ano inteiro.

O crescimento da equipe causou alguns problemas, aos poucos resolvidos, ainda que parcialmente – o professor Maldonado, meu sucessor, herdou alguns deles... Algumas atividades foram terceirizadas e outras reorganizadas. Por exemplo, no último ano da gestão deixamos de ter jornalistas – a atividade passou a ser terceirizada. O trabalho de divulgação da SBC exige principalmente jornalismo científico especializado em Computação, muito difícil de encontrar no Brasil.

3. Alguns fatos marcantes

Esta seção apresenta alguns exemplos de ações tomadas pela SBC, iniciadas durante a gestão, e que envolveram gente em todo o Brasil. Os fatos foram escolhidos para mostrar diferentes tipos de trabalho e de encaminhamento. Muitos outros fatos marcantes ocorreram, alguns dos quais relatados na seção 4. No entanto, ou eles já tinham iniciado antes da gestão (por exemplo, a Regulamentação da profissão, Olimpíadas, Maratona) ou os detalhes pertencem principalmente à memória de diretores ou conselheiros (por exemplo, a reestruturação das Secretarias Regionais ou ações da Diretoria de Educação).

3.1 O início da participação no Sistema Brasileiro de TV Digital

A introdução deste texto já mencionou o papel da SBC na construção do Sistema Brasileiro de TV Digital (SBTV D). Se a primeira ação oficial da Sociedade para o SBTV D foi realizada durante o congresso de 2003, várias outras etapas precisaram ser executadas.

O Ministério das Comunicações realizou em 11 e 12 de agosto de 2003 um workshop sobre os caminhos da TV Digital, organizado pela Sociedade Brasileira de Telecomunicações. Representei a SBC naquele evento e, a seguir, fui encarregada de fazer um levantamento das competências na área, no Brasil.

Isto exigiu a confecção de um questionário, enviado a centenas de grupos de pesquisa, em 15 de agosto, aproveitando as listas *sbc-l* e dos participantes do workshop. O resultado do levantamento, por exigência do Ministério, precisou ser divulgado no dia 23 de agosto – ou seja, uma semana para coletar e sintetizar os dados.

O relatório resultante, enviado para o Ministério no dia 25 de agosto, identificou quatro áreas principais em que poderíamos contribuir: (1) Aplicações, serviços e conteúdo; (2) Camada de software; (3) Compressão, transmissão e redes; e (4) Camada física. O questionário foi respondido por 42 grupos de pesquisa em 30 instituições diferentes, que prioritariamente estavam ligados às três primeiras áreas. Treze desses grupos mostravam de 5 a 10 anos de experiência em aplicações industriais ligadas a essas áreas. Este relatório permitiu mostrar objetivamente o potencial das contribuições da pesquisa em Computação, no Brasil, para o programa. Como resultado dos indicadores relatados, a SBC passou a ter assento em um conselho diretivo do SBTV D.

Esta ação mostra, dentre outros, a importância da *sbc-l* como um dos inúmeros serviços gratuitos prestados pela SBC à sociedade brasileira – e não apenas aos sócios. Exemplifica, também, prazos típicos que Diretoria e/ou Conselho têm para agir – no caso, uma semana!

3.2 A classificação das áreas do conhecimento

Se o item anterior é um caso de sucesso, o trabalho de (re)classificação das áreas do conhecimento é um exemplo de situação interrompida pelos órgãos responsáveis. Em 2005, a CAPES e o CNPq tentaram reorganizar a tabela das áreas do conhecimento. A comissão encarregada deste trabalho reclassificou a Computação, que sairia da Grande Área de Exatas e da Terra e passaria a fazer parte da Grande Área das Engenharias. A tabela proposta pela comissão gerou várias discussões dentro da comunidade científica brasileira e, passado um período para recebimento de sugestões e recursos, a iniciativa foi interrompida.

A reclassificação potencial da Computação levantou uma celeuma na comunidade – somos Ciência ou Engenharia? Ao final, a SBC propôs que a Computação deveria ser uma nova Grande Área (a undécima da tabela). Esta iniciativa segue as tendências mundiais – ver por exemplo os EUA, ou a Inglaterra - em que a Computação é tratada como um dos três pilares de sustentação da pesquisa científica, junto com os pilares da teoria e da experimentação. Por causa disto, as agências de fomento desses países criaram uma área específica para coordenar projetos e iniciativas centrados ou dependentes da pesquisa na Computação. Além disso, a criação desta nova Grande Área

retrataria a crescente multidisciplinaridade característica das inúmeras parcerias entre pesquisadores em Computação e em outras áreas do conhecimento.

A proposta da SBC foi materializada em um texto de 11 páginas, que sintetizou mais de 500 mensagens recebidas de todo o Brasil (e até longos telefonemas). O documento estava dividido em 3 partes. A primeira parte situava a pesquisa em Computação em todo o mundo. A segunda mostrava como a Computação, no Brasil, já aparecia em dezenas de programas multidisciplinares de pós-graduação da CAPES, exigindo das agências de fomento a criação de uma infra-estrutura de avaliação complicada. A terceira parte apresentava a proposta de classificação da SBC, em que a Computação aparecia como Grande Área, com 3 áreas

Este documento foi resultado de uma intensa discussão de mais de um mês em vários ambientes – o fórum de coordenadores de pós-graduação, as comissões especiais, a Diretoria, o Conselho... A redação colaborativa teve uma grande contribuição do professor Virgílio Almeida, além de vários diretores e conselheiros.

Este relato exemplifica a importância da organização da Sociedade em grupos de pesquisa ativos e fóruns de discussão. Trata-se de mais uma das muitas características que nos distingue da maioria (senão de todas) das sociedades científicas no Brasil. Isto permite uma participação efetiva de diferentes visões de pesquisa, colaborando para produzir um trabalho unificado.

3.3 O seminário dos Grandes Desafios

.O seminário dos Grandes Desafios é outro caso de sucesso. Foi uma iniciativa pioneira visando a intensificar o planejamento e a pesquisa de longo prazo em Computação no Brasil e a cooperação com outros domínios científicos do conhecimento. Um outro objetivo importante foi a possibilidade de subsidiar agências de fomento na realização de chamadas de projetos e editais. Realizado em São Paulo em maio de 2006, com o apoio da CAPES e da FAPESP, reuniu durante dois dias 26 pesquisadores brasileiros da área de Computação e quatro convidados de outras áreas. Os participantes foram selecionados por uma Comissão de Coordenação a partir de 47 propostas de desafios enviadas de todo o Brasil.

O relatório resultante apresenta e discute cinco grandes desafios em Computação para a década 2006-2016, envolvendo pesquisa de ponta, de longo prazo, no cenário nacional. Os desafios são: (1) Gestão da informação em grandes volumes de dados multimídia distribuídos; (2) Modelagem computacional de sistemas complexos artificiais, naturais e sócio-culturais e da interação homem-natureza; (3) Impactos para a área da computação da transição do silício para as novas tecnologias; (4) Acesso participativo e universal do cidadão brasileiro ao conhecimento; e (5) Desenvolvimento tecnológico de qualidade: sistemas disponíveis, corretos, seguros, escaláveis, persistentes e ubíquos. Os desafios são intimamente ligados – a pesquisa para resolver os problemas de um desafio também pode contribuir para outros desafios. São necessários múltiplos enfoques para atacá-los, e a multidisciplinariedade é uma constante. Exigem agregação de grupos e trabalho cooperativo, fatores que contribuem para acelerar atividades de pesquisa.

O seminário foi inspirado em ações semelhantes nos EUA e Reino Unido, que serviram de base a grandes programas de financiamento à pesquisa naqueles países. A iniciativa brasileira vem surtindo muitos efeitos -- ainda em 2006, por várias vezes, a presidência

e diretores foram convidados a apresentar os Desafios em sociedades científicas e agências do governo. O interesse levantado tem sido duplo: curiosidade sobre a organização do seminário, dado seu modelo inédito no Brasil; e sobre os seus resultados e consequências para a pesquisa brasileira. Em 2007 surgiram os primeiros editais diretamente ligados aos Desafios: inicialmente na FAPESP (que de novo em abril de 2008 lançou outro edital) e, a seguir, no CNPq. O SEMISH também está contribuindo para esta disseminação, aumentando o interesse e a participação dos pesquisadores brasileiros de várias áreas do conhecimento em trabalhar nessas direções.

O documento produzido vem sendo usado para motivar ações em várias sociedades científicas no Brasil e na América Latina. Além disso, permitiu à SBC tomar a liderança em várias situações, pois abre um leque de possibilidades já existentes, no Brasil, para realizar pesquisa de ponta em Computação. A participação, no seminário, de cientistas de outras áreas, inclusive indicados pela Academia Brasileira de Ciências, também ajudou a divulgação dessa iniciativa em outros fóruns.

Este é um exemplo concreto de como um evento pequeno, organizado por uma sociedade científica, pode ser usado como modelo e influenciar a política científica e tecnológica do País. Mostra, também, a importância da cooperação com outras disciplinas e áreas do conhecimento.

3.4 As mulheres na Computação – mais um desafio

Fui a primeira mulher presidente. Isto certamente ajudou a dar mais visibilidade à Sociedade, pois em reuniões científicas (até mesmo na SBPC), junto aos órgãos de governo, ou mesmo em mesas de abertura de eventos, fui quase sempre a única mulher. Fiz sempre questão de chamar atenção para isto e, ao mesmo tempo, para o caráter impar e sempre inovador da SBC.

Isto traz à baila mais um problema atual – a diminuição mundial de jovens interessados em Computação e, mais ainda, o desinteresse crescente de mulheres pela profissão. Este último passou a ser um problema a ser resolvido na América do Norte e Europa, onde vários programas estratégicos vêm sendo criados em muitos países para atrair mais mulheres para a Computação.

A SBC, reconhecendo o mesmo fenômeno no Brasil, mais uma vez tomou a dianteira e iniciou em 2007 um encontro denominado WIT (Women in Information Technology – Mulheres em Tecnologia da Informação), um workshop para discutir os assuntos relacionados a questões de gênero e a Tecnologia de Informação (TI) no Brasil. Coordenado por mim e pela professora Karin Breitman, o principal objetivo é acordar a sociedade brasileira para esta questão estratégica. A ser repetido no congresso de 2008, o WIT busca histórias de sucesso, políticas de incentivo e formas de engajamento e atração de jovens, especialmente mulheres, para as carreiras em TI. É bom mencionar que o evento atraiu homens e mulheres, e não apenas da Computação...

Organizado em palestras convidadas e painéis, o primeiro workshop foi voltado a debater problemas relacionados à mulher e ao seu acesso à TI, tanto do ponto de vista de mercado de trabalho quanto de inclusão e alfabetização digital. Os temas abordados vão desde a necessidade de educar, recrutar e treinar mulheres, até a políticas globais, com vistas ao desenvolvimento e competitividade nacional e regional.

Ainda é cedo para analisar as conseqüências desta iniciativa. No entanto, ela mostra a preocupação da SBC em atacar problemas culturais e sociais. Apesar de ser uma sociedade científica, também age em várias outras frentes, o que aliás é inevitável dada a dependência crescente que o mundo tem da TI.

3.5 Alguns exemplos de “urgências”

Cada um dos casos detalhados mostra uma das mil e uma facetas da SBC. Para registro, nas reminiscências, seguem mais alguns exemplos de ações com múltiplas dimensões e conseqüências, ilustrando iniciativas da Sociedade, sem nenhuma ordem específica. Estes itens se referem a atividades realizadas por diretores, conselheiros, coordenadores de eventos e sócios engajados:

- as muitas manifestações a respeito de problemas no LATTES;
- o documento subscrito por quase todos os pesquisadores nível 1 a respeito da reorganização do CNPq em 2003, extinguindo a diretoria de Computação;
- o relatório de especialistas sobre a urna eletrônica, que suscitou muita polêmica;
- o trabalho para a criação de uma biblioteca digital, ainda em andamento;
- as discussões, reuniões e documentos preparados para a SEPIN, o CGI.br, a SBPC e muitos outros, a pedido, sobre pesquisa de ponta e problemas estratégicos em TI;
- as dezenas de documentos, apresentações e palestras sobre a regulamentação da profissão;
- o levantamento constante de dados e estatísticas para assessorar órgãos de imprensa, agências de fomento, sociedades científicas ou fundações, respondendo as mais diversas questões sobre o panorama da Computação no Brasil;
- as centenas de reuniões, visitas e documentos buscando financiamento e divulgação das ações da Sociedade;
- finalmente, no mínimo uma palestra ou painel por semana, em algum lugar do Brasil, apresentando ou promovendo ações da SBC.

4. Outros eventos e fatos marcantes

O que faz a SBC é o trabalho voluntário de centenas de pessoas, que organizam reuniões, promovem cursos, participam de comitês, se comunicam e cooperam intensamente, ajudando o progresso da tecnologia e da ciência no Brasil. Falta muita coisa, mas sempre fizemos milagres, com a dedicação de todos – Diretoria, Conselho, delegados regionais e institucionais, comissões especiais e centenas de voluntários por todo o Brasil.

Não há espaço para relembrar todo o trabalho conseguido, durante quatro anos, por essa enorme massa de gente. Já ressaltéi nosso projeto de lei sobre a regulamentação da profissão (professor Bigonha), que visa desvincular as profissões em computação de qualquer obrigatoriedade ou tipo de diploma. Este projeto, acolhido em agosto de 2003, é um marco contra o cartorialismo reinante em várias profissões no Brasil e é citado por muitos como exemplo do que se pode fazer com trabalho voluntário e visão de futuro.

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

O grande esforço para tocar as Olimpíadas e a Maratona (professores Anido e Carlos Eduardo Ferreira) foi reconhecido com o patrocínio da Fundação Carlos Chagas. Criamos mais secretarias regionais (professor Edson) e a figura de delegado estudantil (professora Aline), que aumentará nossa penetração entre estudantes – um problema constante a ser enfrentado.

Aumentamos o número de eventos e comissões especiais (professora Karin), com várias novas atividades, refletindo o crescimento da área no Brasil – ao fim da gestão, podíamos nos gabar de termos, em média, um evento da SBC a cada três dias, movimentando mais de 40 mil pessoas por ano (um fato jamais imaginado, mesmo pelos visionários sócios fundadores). Regularizamos o JBCS, que voltou a ser indexado na Scielo, e criamos uma nova série de livros texto associados ao JAI (professoras Ana Carolina e Marta). Aumentamos a frequência e o escopo do Computação Brasil, hoje uma revista com matérias, entrevistas e temas de interesse de todos (professores Sérgio e Altigran). Organizamos a sede, com melhor atribuição de atividades e dando início à reorganização financeira (professora Carla).

Ampliamos nossa presença na área de Educação (professores Marcos Santana e Edson), com representação em vários setores e maior inserção da Sociedade nos cursos de graduação do País. Na pós-graduação, temos o fórum de coordenadores, com uma organização dinâmica. Em 2006, nos aliamos à Sociedade Peruana de Computação, estendendo o POSCOMP ao Peru. Passamos a participar de vários órgãos deliberativos ou consultivos importantes e reforçamos nossa presença junto a outras sociedades científicas no Brasil (professores Virgílio e Robert), em especial a SBPC: durante os quatro anos, a SBC promoveu atividades durante o congresso daquela sociedade.

5. Visão de futuro

A SBC é a maior sociedade de computação da América Latina, em quantidade e diversidade de atividades voltadas à pesquisa, educação e apoio aos profissionais da área. Tem uma grande capilaridade, com representantes “do Oiapoque ao Chui”. Vem continuamente crescendo e aumentando todas as suas frentes de ação, e inúmeras novas iniciativas continuam aparecendo. Fico muito feliz de ter podido participar deste crescimento e tenho muito orgulho de ser sócia.

Vejo cada sócio como um embaixador – para atrair mais gente para a área, exercer seu trabalho de forma ética e responsável. As reminiscências de uma gestão começam com as conquistas das gestões anteriores: a Sociedade vem progredindo continuamente, graças ao trabalho de todos os seus presidentes, diretores, conselheiros e sócios. Somos um exemplo constante de tudo que se pode fazer para a sociedade como um todo, com trabalho voluntário.

Há inúmeros desafios para o futuro. Atrair mais sócios profissionais, continuar a reorganização administrativa e financeira, ampliar relações com outras sociedades, enfatizar a importância da Computação para o progresso do Brasil e conseguir aprovar nosso projeto de regulamentação. Precisamos nos preocupar com a formação das novas gerações, envolvendo também professores dos diversos níveis – ajudados por ações associadas às Olimpíadas.

Talvez o principal desafio da área seja mostrar que é, ao mesmo tempo, igual a qualquer outra área científica e tecnológica e também diferente. Igual, porque como todas as

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

demais áreas do conhecimento produzimos ciência, pesquisa, tecnologia, formamos gente e ajudamos o crescimento brasileiro. Diferente, porque somos elemento chave para apoiar e acelerar a pesquisa e o desenvolvimento das demais.

Cada vez mais se permite trabalho em casa, cada vez mais se trabalha em cooperação com gente no resto do mundo e cada vez mais o profissional de Computação precisa aprender a interagir com outras disciplinas. Assim, precisamos nos lembrar que o mercado exige não apenas habilidades técnicas, mas poder de adaptação a mudanças e, acima de tudo, habilidade de trabalho em equipe e inteligência social.

Nem tudo são flores e sucessos, mas o balanço sempre será positivo -- e é isto o que conta. Para quem perguntar, qual o nosso segredo, todos respondemos “muito trabalho, com muito amor e diversão”.

APÊNDICE A

Diretorias da SBC

2007 a 2009

Presidente: José Carlos Maldonado (ICMC - USP)

Vice-Presidente: Virgílio Almeida (UFMG)

Diretorias:

Administrativa: Carla Maria Dal Sasso Freitas (UFRGS)

Finanças: Paulo Cesar Masiero (ICMC - USP)

Eventos e Comissões Especiais: Marcelo Walter (UFPE)

Educação: Edson Norberto Cáceres (UFMS)

Publicações: Karin Breitmann (PUC-Rio)

Planejamento e Programas Especiais: Augusto Sampaio (UFPE)

Secretarias Regionais: Aline dos Santos Andrade (UFBA)

Divulgação e Marketing: Altigran Soares da Silva (UFAM)

Regulamentação da Profissão: Ricardo de Oliveira Anido (UNICAMP)

Eventos Especiais: Carlos Eduardo Ferreira (USP)

Cooperação com Sociedades Científicas: Taisy Weber (UFRGS)

2005 a 2007

Presidente: Cláudia Maria Bauzer Medeiros (UNICAMP)

Vice-Presidente: José Carlos Maldonado (ICMC – USP)

Diretorias:

Administrativa e Finanças: Carla Maria Dal Sasso Freitas (UFRGS)

Eventos e Comissões Especiais: Karin Breitmann (PUC-Rio)

Educação: Edson Norberto Cáceres (UFMS)

Publicações: Marta Lima de Queiros Mattoso (UFRJ)

Planejamento e Programas Especiais: Virgílio Augusto Fernandes Almeida (UFMG)

Secretarias Regionais: Aline dos Santos Andrade (UFBA)

Divulgação e Marketing: Altigran Soares da Silva (UFAM)

Regulamentação da Profissão: Roberto da Silva Bigonha (UFMG)

Eventos Especiais: Carlos Eduardo Ferreira (USP)

2003 a 2005

Presidente: Cláudia Maria Bauzer Medeiros (UNICAMP)

Vice-Presidente: José Carlos Maldonado (ICMC - USP)

Diretorias:

Administrativa e Finanças: Carla Maria Dal Sasso Freitas (UFRGS)

Eventos e Comissões Especiais: Karin Breitmann (PUC-Rio)

Educação: Marcos José Santana (USP - São Carlos)

Publicações: Ana Carolina Salgado (UFPE)

Planejamento e Programas Especiais: Robert Carlisle Burnett (PUC-PR)

Secretarias Regionais: Edson Norberto Cáceres (UFMS)

Divulgação e Marketing: Sérgio Cavalcante (UFPE)

Regulamentação da Profissão: Roberto da Silva Bigonha (UFMG)

Eventos Especiais: Ricardo de Oliveira Anido (UNICAMP)

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

2001 a 2003

Presidente: Flávio Rech Wagner (UFRGS)
Vice-Presidente: Luiz Fernando Gomes Soares (PUC-Rio)
Diretorias:
Administrativa e Finanças: Taisy Silva Weber (UFRGS)
Eventos e Comissões Especiais: Ana Teresa de Castro Martins (UFC)
Educação: Marcos José Santana (USP - São Carlos)
Publicações: Claudia Maria Bauzer Medeiros (UNICAMP)
Planejamento e Programas Especiais: Robert Carlisle Burnett (PUC-PR)
Secretarias Regionais: Aleardo Manacero Jr. (UNESP - São José do Rio Preto)
Divulgação e Marketing: Sérgio Cavalcante (UFPE)
Regulamentação da Profissão: Roberto da Silva Bigonha (UFMG)
Eventos Especiais: Ricardo de Oliveira Anido (UNICAMP)

1999 a 2001

Presidente: Flávio Rech Wagner (UFRGS)
Vice-Presidente: Luiz Fernando Gomes Soares (PUC-Rio)
Diretorias:
Eventos e Comissões Especiais: Dilma Menezes da Silva (IBM - USA)
Administração e Finanças: Taisy Silva Weber (UFRGS)
Educação: Sergio de Melo Schneider (UFU)
Publicações: Ricardo de Oliveira Anido (UNICAMP)
Planejamento e Programas Especiais: Claudionor Coelho Junior (UFMG)
Secretarias Regionais: Robert Carlisle Burnett (PUC-PR)
Divulgação e Marketing: Geber Ramalho (UFPE)

1997 a 1999

Presidente: Silvio Romero L. Meira (UFPE)
Vice-Presidente: Flávio Rech Wagner (UFRGS)
Diretorias:
Eventos e Comissões Especiais: João Paulo Kitajima (UFMG)
Administração: Guilherme Horta Travassos (UFRJ)
Educação: José Carlos Maldonado (ICMC - USP)
Publicações: Cláudia Maria Bauzer Medeiros (UNICAMP)
Planejamento e Programas Especiais: Tarcísio Pequeno (UFC)
Secretarias Regionais: Iara Pereira Claudio (PUCRS)
Finanças: Fábio Queda Bueno da Silva (UFPE)
Divulgação e Marketing: Eratostenes Edson de Araújo (UnB)
SBC Editora: Clarindo Isaias P. S. E. Pádua (UFMG)

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

1995 a 1997

Presidente: Ricardo Augusto da Luz Reis (UFRGS)
Vice-Presidente: Paulo Roberto Freire Cunha (UFPE)
Suplente: Edson Costa de Barros Carvalho Filho (UFPE)
Secretário Geral: Flávio Rech Wagner (UFRGS)
Suplente: Rosa Maria Vicari (UFRGS)
1º Secretário: Cláudia Maria Bauzer Medeiros (UNICAMP)
Suplente: Guilherme Horta Travassos (UFRJ)
2º Secretário: Roberto da Silva Bigonha (UFMG)
Suplente: Clarindo Isaias P. S. E. Pádua (UFMG)
Tesoureiro: Therezinha Souza Costa (PUC-Rio)
Suplente: Emmanuel Lopes Passos (IME)

1993 a 1995

Presidente: Ricardo Augusto da Luz Reis (UFRGS)
Vice-Presidente: Paulo Roberto Freire Cunha (UFPE)
Vice-Presidente Adjunto: Edson Costa de Barros Carvalho Filho (UFPE)
Secretário Geral: Cirano Iochpe (UFRGS)
Secretário Geral Adjunto: Flávio Rech Wagner (UFRGS)
1º Secretário: Cláudia Maria Bauzer Medeiros (UNICAMP)
1º Secretário Adjunto: Miguel Jonathan (UFRJ)
2º Secretário: Roberto da Silva Bigonha (UFMG)
2º Secretário Adjunto: Clarindo Isaias P. S. E. Pádua (UFMG)
Tesoureiro: Therezinha Souza Costa (PUC-Rio)
Suplente: Emmanuel Lopes Passos (IME)

1991 a 1993

Presidente: Pedro Manoel da Silveira (UFRJ)
Vice-Presidente: Philippe Navaux (UFRGS)
Vice-Presidente Suplente: Silvio Romero de L. Meira (UFPE)
Secretário Geral: Claudio Kirner (UFSCAR)
Secretário Geral Suplente: Sergio de Mello Schneider (UFU)
1º Secretário: Marcos Roberto da Silva Borges (UFRJ)
1º Secretário Suplente: Claudia Lage Rebello da Motta (UFRJ)
2º Secretário: Daltro José Nunes (UFRGS)
2º Secretário Suplente: Nivio Ziviani (UFMG)
Tesoureiro: Therezinha Souza Costa (PUC-Rio)
Tesoureiro Suplente: Emmanuel Lopes Passos (IME)

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

1989 a 1991

Presidente: Clésio Saraiva dos Santos (UFRGS)
Vice-Presidente: Paulo Roberto Freire Cunha (UFPE)
Vice-Presidente Suplente: Silvio Romero de L. Meira (UFPE)
Secretário Geral: Philippe Oliver Alexander Navaux (UFRGS)
Secretário Geral Suplente: Claudia Maria Bauzer Medeiros (UNICAMP)
1º Secretário: Pedro Manoel da Silveira (UFRJ)
1º Secretário Suplente: Marcos Roberto da Silva Borges (UFRJ)
2º Secretário: Roberto da Silva Bigonha (UFMG)
2º Secretário Suplente: Alberto H. F. Laender (UFMG)
Tesoureiro: Therezinha Souza Costa (PUC-RIO)
Tesoureiro Suplente: Emmanuel Lopes Passos (IME)

1987 a 1989

Presidente: Daniel Menascé (PUC-RIO)
Vice-Presidente: Manoel Agamemnon Lopes (UFPE)
Vice-Presidente Suplente: Paulo Roberto Freire Cunha (UFPE)
Secretário Geral: Alberto H. F. Laender (UFMG)
Secretário Geral Suplente: Osvaldo Sergio Farhat de Carvalho (UFMG)
1º Secretário: Luciana Ferraz Thomé (IME)
1º Secretário Suplente: Lilian Markenson (UFRJ)
2º Secretário: Flávio Rech Wagner (UFRGS)
2º Secretário Suplente: Dante Barone (UFRGS)
Tesoureiro: Therezinha Souza Costa (PUC-RIO)
Tesoureiro Suplente: Luiz Carlos Trevelin

1985 a 1987

Presidente: Claudio Zamitti Mammana (USP)
Vice-Presidente: Clésio Saraiva dos Santos (UFRGS)
Secretário Geral: Simão Manoel Agamemnon Lopes (UFPE)
1º Secretário: Oscar Luiz Monteiro de Farias
2º Secretário: Mario Dias Ferrareto (USP)
Tesoureiro: Arlindo Vasques Martins

1983 a 1985

Presidente: Luiz de Castro Martins (PUC-Rio)
Vice-Presidente: Silvio Davi Paciornik (USP)
Secretário Geral: Simão Sirineo Toscani (UFRGS)
1º Secretário: Lidia Micaela Segre (UFPE)
2º Secretário: Paulo Roberto Freire Cunha (UFPE)
Tesoureiro Geral: Therezinha da Costa Ferreira Chaves (PUC-Rio)

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

1981 a 1983

Presidente: Luiz de Castro Martins (PUC-Rio)
Vice-Presidente: Silvio Davi Paciornik (USP)
Secretário Geral: Sueli Mendes dos Santos (UFRJ)
Claudio Zammiti Mammana (USP)
1º Secretário: Estevam Gilberto de Simone (UFRJ)
2º Secretário: Ivan Moura Campos (UFMG)
Tesoureiro Geral: Therezinha da Costa Ferreira Chaves (PUC-Rio)

1979 a 1981

Presidente: Claudio Zammiti Mammana (USP)
Vice-Presidente: Daltro José Nunes (UFRGS)
Secretário Geral: Sueli Mendes dos Santos (UFRJ)
Tesoureiro Geral: Miguel Aranha Borges (UFRJ)/Guilherme Chagas Rodrigues
1º Secretário: Luiz Fernando Jacinto Maia (UFSC)
2º Secretário: João Lizardo de Araújo (UFRJ)

1978 a 1979

Presidente: Claudio Zammiti Mammana (USP)
Vice-Presidente: Daltro José Nunes (UFRGS)
Secretário Geral: Sueli Mendes dos Santos (UFRJ)
Tesoureiro Geral: Miguel Aranha Borges (UFRJ)
1º Secretário: Luiz Fernando Jacinto Maia (UFSC)
2º Secretário: Waldemar Waingort Setzer (USP)

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

APÊNDICE B

CONSELHOS DA SBC

Período	Conselho Titular
2007 a 2011	Claudia Maria Bauzer Medeiros (UNICAMP) Roberto da Silva Bigonha (UFMG) Claudio Leonardo Lucchesi (UNICAMP) Daltro José Nunes (UFRGS) André Ponce de Leon F. de Carvalho (USP)
2005 a 2009	Ana Carolina Salgado (UFPE) Ricardo de Oliveira Anido (UNICAMP) Jaime Simão Sichman (USP) Daniel Schwabe (PUC-Rio) Marcelo Walter (Unisinos)
2003 a 2007	Flávio Rech Wagner (UFRGS) Siang Wu Song (USP) Luiz Fernando Gomes Soares (PUC-Rio) Ariadne Maria B. Carvalho (UNICAMP) Taisy Silva Weber (UFRGS)
2001 a 2005	Paulo Cesar Masiero (USP/São Carlos) Ana Carolina Salgado (UFPE) Rosa Maria Vicari (UFRGS) Tomasz Kowaltowski (UNICAMP) Sergio de Mello Schneider (UFU)
1999 a 2003	Daltro José Nunes (UFRGS) Silvio Romero de Lemos Meira (UFPE) José Carlos Maldonado (USP/São Carlos) Therezinha Souza Costa (PUC-Rio) Claudia Maria Bauzer Medeiros (UNICAMP)
1997 a 2001	Roberto da Silva Bigonha (UFMG) Siang Wun Song (USP) Júlio Cesar Sampaio do Prado Leite (PUC-Rio) Daniel Schwabe (PUC-Rio) Ricardo Augusto da Luz Reis (UFRGS)
1995 a 1999	Paulo Cesar Masiero (USP) Sergio Bampi (UFRGS) Alberto Henrique Frade Laender (UFMG) Eratostenes Edson de Araújo (CNPq) Claudio Leonardo Lucchesi (UNICAMP)
1993 a 1997	Daltro José Nunes (UFRGS) Pedro Manoel da Silveira (UFRJ) Nivio Ziviani (UFMG) Philippe Navaux (UFRGS) Silvio Romero de Lemos Meira (UFPE)
1991 a 1995	Claudia Maria Bauzer Medeiros (UNICAMP) Clesio Saraiva dos Santos (UFRGS) Luiz de Castro Martins (UFRGS) Roberto da Silva Bigonha (UFMG) Siang Wun Song (USP)

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

Período	Conselho Titular
1987 a 1991	Clésio Saraiva dos Santos (UFRGS) Claudio Zamitti Mammana (USP) Daltro José Nunes (UFRGS) Claudio Leonardo Lucchesi (UNICAMP) Michael Stanton
1985 a 1989	Luiz de Castro Martins (PUC-RIO) Lidia Micaela Segre (UFRJ) Luiz Julião Braga Filho (UFV) Simão Sirineo Toscani (UFRGS) Roberto da Silva Bigonha (UFRGS)
1983 a 1987	Sueli Mendes dos Santos (UFRJ) Estevam Gilberto de Simone (UFRJ) Daniel Menascè (PUC-RIO) Ivan de Moura Campos (UFMG) Arndt Von Staa (PUC-RIO)
22/04/1981	Luiz de Castro Martins renuncia para assumir a presidência da SBC. Em seu lugar assume Luiz Julião Braga Filho (UFV)
1981 a 1985	Claudio Zamitti Mammana (USP) Clésio Saraiva dos Santos (UFRGS) Henrique Pacca Loureiro Luna (UFMG) Carlos Ignácio Zamitti Mammana (CTI/SEI) Mario Dias Ripper (CDS)
1979 a 1983	Wilson de Pádua Paula Filho (UFMG) Ivan da Costa Marques (Digibras) João Antonio Zuffo (USP) Luiz de Castro Martins (CAPRE) Silvio David Paciornick (USP)
1979 a 1981	Carlos José Pereira de Lucena (PUC-RIO) José Rubens Dória Porto (USP) Manoel Agamemnon Lopes (UFPE) Guilherme Chagas Rodrigues (UFRJ) Sonia Schechtman Sette (UFPE)
27/07/1978 Conselho Provisório	Artur Pereira Nunes (CAPRE) Ivan da Costa Marques (Digibras) João Antonio Zuffo (USP) Wilson de Pádua P. Filho (UFMG) Silvio Paciornick (USP) José Rubens Dória Porto (USP) Paulo Cesar Bezerra (UNICAMP) Guilherme Chagas Rodrigues (UFRJ) Leopoldo da Silva Pereira (COBRA) Luiz de Castro Martins (CAPRE)

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

Período	Conselho Suplente
2007 a 2009	Vera Lucia Strube de Lima (PUC-RS) Raul Sidnei Wazlawick (UFSC) Ricardo Augusto da Luz Reis (UFRGS) Jacques Wainer (UNICAMP) Marta Lima de Queiroz Mattoso (UFRJ)
2005 a 2007	Robert Carlisle Burnett (PUC-PR) Ricardo Reis (UFRGS) José Valdeni de Lima (UFRGS) Raul Sidnei Wazlawick (UFSC)
2003 a 2005	Ricardo Augusto da Luz Reis (UFRGS) Daniel Schwabe (PUC-Rio) Marcelo Walter (UNISINOS) André Carvalho (ICMC - USP) Raul Sidnei Wazlawicki (UFSC)
2001 a 2003	André Carvalho (ICMC - USP) Itana Maria de Souza Gimenez (UEM) Jaime Simão Sichman (USP) Raul Sidnei Wazlawick (UFSC) Miguel Jonathan (UFRJ)
1999 a 2001	Rosa Maria Vicari (UFRGS) Itana Maria de Souza Gimenes (UEM) Eratostenes Ramalho de Araujo (SOFTEX) Tarcisio Cavalcante Pequeno (UFC) Jaime Simão Sichman (USP)
1997 a 1999	Paulo Roberto Freire Cunha (UFPE) Rosa Maria Vicari (UFRGS) Itana Maria de Souza Gimenes (UEM) Ricardo de Oliveira Anido (UNICAMP) Maria Elenita Menezes do Nascimento (UNB)
1995 a 1997	Claudio Kirner (UFSCAR) Julio Cesar do Prado Sampaio Leite (PUC-RIO) Miguel Jonathan (UFRJ) Daniel Schwabe (PUC-RIO) Sergio de Melo Schneider (UFU)
1993 a 1995	Marcos Roberto da Silva Borges (UFRJ) Claudia Lage Rebello da Motta (UFRJ) Daniel Schwabe (PUC-RIO) Sergio de Mello Schneider (UFU) Claudio Kirner (UFSCAR) Ricardo de Oliveira Anido (UNICAMP) Alberto Henrique Frade Laender (UFMG)
1991 a 1993	Ana Regina Cavalcanti Rocha (UFRJ) Eratostenes Edson de Araújo (CNPQ) Sonia S. Sette (UFPE) Alberto Henrique Frade Laender (UFMG) Luciana Ferraz Thomé (UFF)

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

Período	Conselho Suplente
1989 a 1991	Siang Wun Song (USP) Lilian Markeson (UFRJ) Flavio Rech Wagner (UFRGS) Ana Regina Cavalcanti Rocha (UFRJ) Luciana Ferraz Thomé (UFF)
1987 a 1989	Daniel Schwabe (PUC-RIO) Nicolau Meisel (PUC-RIO) Silvio Davi Paciornik (USP) Nivio Ziviani (UFMG) Sonia S. Sette (UFPE)
1985 a 1987	Silvio Davi Paciornik (USP) Michael Anthony Stanton (PUC-RIO) Paulo Roberto Freire Cunha (UFPE) Sonia S. Sette (UFPE) Daniel Schwabe (PUC-RIO)
1983 a 1985	José Rubens Doria Porto (UNICAMP) Paulo Roberto Azeredo Celina Bittencourt Marques Waldemar Setzer (USP) Luiz Fernando Maia (UFSC)
1981 a 1983	Luiz Julião Braga Filho (UFV) Luiz Fernando Jacinto Maia (UFSC) Arthur Pereira Nunes Gentil José de Lucena (UFPB) Celina Bittencourt Marques
1979 a 1981	José Lucas Mourão Rangel Neto (PUC-RIO) Célio Cardoso Guimarães (UNICAMP) Artur Pereira Nunes (CAPRE) Simão Sirineo Toscani (UFRGS) Francisco Edson Pessoa